

Universidade Federal da Grande Dourados
Faculdade de Direito e Relações Internacionais
Curso de Relações Internacionais

Gustavo Henrique Tavares Rocha

Do futebol arte à arte da política: o uso do futebol como instrumento de *soft power* pelo Estado brasileiro

Dourados - MS

Março de 2024

Gustavo Henrique Tavares Rocha

Do futebol arte à arte da política: O uso do futebol como instrumento de *soft power* pelo Estado Brasileiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Profª. Déborah Silva do Monte.

Dourados - MS

Março de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R672d Rocha, Gustavo Henrique Tavares

Do futebol arte à arte da política: O uso do futebol como instrumento de soft power pelo Estado Brasileiro [recurso eletrônico] / Gustavo Henrique Tavares Rocha. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Déborah Silva do Monte.

TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Soft power. 2. Brasil. 3. Copa do Mundo. I. Monte, Déborah Silva Do. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 05 de março de 2024, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, o aluno **Gustavo Henrique Tavares Rocha** tendo como título **“DO FUTEBOL ARTE À ARTE DA POLÍTICA: O USO DO FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER PELO ESTADO BRASILEIRO”**.

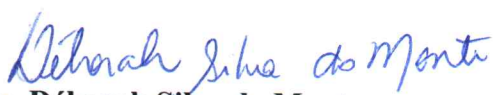
Constituíram a Banca Examinadora os professores **Dra. Déborah Silva do Monte** (orientadora), **Dr. Daniel Traina Gama** (examinador) e **Dr. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto** (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado aprovado.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

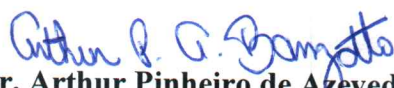
Observações: _____

Assinaturas:


Dra. Déborah Silva do Monte

Orientadora


Dr. Daniel Traina Gama
Examinador


Dr. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto
Examinador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a Deus, porque sem ele nada disso teria sido possível. Embora a jornada até aqui tenha sido difícil e cheia de percalços (sim, estou falando de você, dona Pandemia) tenho a total certeza de que não mudaria nada. É a partir da dificuldade que laços são formados, que o aprendizado ocorre e que os vitoriosos se sagram. Ter a oportunidade de fazer parte da UFGD tem sido uma experiência única e inexplicável, capaz de abranger meus horizontes e de mudar completamente o sentido da minha vida. Agradeço a cada colega que dividiu a sala comigo, a cada professor que me transmitiu uma fração de seus conhecimentos e a cada amigo que fiz durante esses quatro anos em que pude viver em Dourados. Em especial, agradeço à professora Déborah, não só por me orientar na produção deste trabalho, mas também por ser prestativa e extremamente preocupada com meu aprendizado e de meus colegas. Aos amigos, embora sejam muitos, gostaria de tecer um agradecimento especial aos companheiros de festas e aventuras Gabriel Stel e Wellington, com quem vivi grandes momentos. Também ao Murilo, conterrâneo de Rio Verde e que sei que posso sempre contar, seja aqui no Mato Grosso do Sul ou em Goiás. Ainda, ao amigo João Rafael, o grande responsável por me tornar fanático por futebol americano, embora seja torcedor dos Chiefs (dito isso, Go Niners!). Também gostaria de dedicar um espaço para agradecer ao companheirismo de meus amigos em Rio Verde, que mesmo de longe ainda mantiveram a amizade próxima, longa e duradoura. Esse agradecimento é para vocês, Aurélio, Rafaela, Gabriel, Eduardo e muitos outros. Aos amigos da internet, sou eternamente grato ao companheirismo em horas difíceis, bem como às horas de diversão, risadas e madrugadas juntos. A vocês, Flavio, Rodrigo (Digas), Cláudio e Klaus, meu muito obrigado.

Não poderia deixar de agradecer à minha namorada e também companheira de curso, Beatriz. Se eu pude concluir este trabalho, foi porque em meus momentos de maior dificuldade e nervosismo ela era capaz de ser um porto seguro para mim, uma alegria perante todas as dificuldades e motivo pelo qual eu sorria em quase todas as oportunidades. Também estendo minha gratidão ao Sr. Amadeus, que embora trabalhe como síndico do condomínio em que residi, significa muito mais do que um segundo pai para mim, me apoiando e aconselhando com sua inigualável experiência e bom humor.

Por fim, gostaria de agradecer à minha família. Aos meus pais, Carlos e Ivanise, agradeço imensamente pelo carinho, amor, suporte e incondicional companheirismo, mesmo estando a 840 quilômetros de distância. Compreendo que nunca serei capaz de retribuir à altura os esforços feitos por vocês para me darem o que havia de melhor, mas espero corresponder a partir de trabalho duro e orgulho, me tornando o homem honesto, correto e íntegro que vocês me ensinaram a ser. Sem vocês esse sonho não teria sido possível. Ao meu irmão, Felipe, sou grato por transmitir sempre o bom humor, seja com piadas, ligações inesperadas ou mensagens. Destaco que a capacidade dele de trazer alegria em todo e qualquer ambiente que entra continua afiadíssima. Ainda, não poderia deixar de expressar minha gratidão pela existência das cadelinhas Babi e Belinha, que fazem a alegria da casa e são praticamente parte da família.

No momento em que comecei a escrever estas palavras não pretendia fazer deste espaço uma carta de despedida. Mesmo assim, enquanto ciclos se fecham, novas oportunidades e fases surgem, o que me traz a esperança de reencontro com cada uma das figuras das quais vou me separar quando o meu tempo em Dourados se findar. A vocês, deixo o meu muito obrigado e meu eterno carinho por fazerem parte dessa jornada maravilhosa. Até breve!

RESUMO

Dado o peso brasileiro no futebol mundial, tanto como exportador de talentos quanto em relação ao sucesso das equipes, o esporte tem um grande potencial para o *soft power* brasileiro. Portanto, o objetivo dessa pesquisa é analisar o uso deste desporto enquanto instrumento de *soft power* em quatro momentos distintos brasileiros, sendo eles: a realização da Copa do Mundo de 1950 em solo brasileiro, no governo Dutra, a conquista da Copa do Mundo de 1970 pela seleção brasileira, durante o regime militar de Médici, a conquista do pentacampeonato em 2002, no governo democrático de Fernando Henrique Cardoso, e a realização da Copa do Mundo de 2014 em solo brasileiro, no governo de Dilma Rousseff. Propõe-se assim fazer uso de uma abordagem descritiva e qualitativa a partir do emprego do método dedutivo. As conclusões apontam uma clara distinção entre os eventos sediados no Brasil e aqueles realizados em solo estrangeiro, bem como diferenças entre as Copas que ocorreram antes e depois da globalização do futebol. As variações indicam que houve mudanças em relação ao emprego do futebol enquanto ferramenta de *soft power*, facilitando seu uso a partir do advento da globalização do futebol.

Palavras-chave: Soft power; futebol; Brasil; Copa do Mundo.

ABSTRACT

Given Brazil's prominence in world football, both as an exporter of talents and in terms of the success of its teams, the sport makes up a large part of the potential of Brazilian *soft power*. Therefore, the objective of this research is to analyze the use of this sport as a *soft power* instrument in four distinct Brazilian moments, namely: the hosting of the 1950 World Cup in Brazil, under the Dutra government; the winning of the 1970 World Cup by the Brazilian national team, during the Médici military regime; the winning of the fifth World Cup in 2002, under the democratic government of Fernando Henrique Cardoso; and the hosting of the 2014 World Cup in Brazil, under the government of Dilma Rousseff. It is proposed to use a descriptive and qualitative approach based on the deductive method. The conclusions point to a clear distinction between events hosted in Brazil and those held abroad, as well as differences between the World Cups that took place before and after the globalization of football. The variations indicate that there have been changes in the use of football as a soft power tool, facilitating its use since the advent of the globalization of football.

Keywords: Soft power; football; Brazil; World Cup.

LISTA DE QUADROS

Figura 1 - Jornal de 1950 destaca a derrota do Brasil perante o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950.....	39
Figura 2 - Pelé levanta a taça da Copa de 1970 ao lado de Médici.....	43
Figura 3 - Médici posa para foto ao lado do elenco campeão da Copa do Mundo de 1970..	44
Figura 4 - Edição de 1970 da Folha de S. Paulo destaca a demissão de João Saldanha do comando da Seleção.....	44
Figura 5 - A comemoração do jogador Vampeta no Palácio do Planalto, aos aplausos de Fernando Henrique Cardoso.....	49
Figura 6- O comboio da Seleção brasileira sendo acompanhado pela população haitiana...	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DEFINIÇÕES DE PODER E SUAS VARIAÇÕES.....	14
2.1. O QUE É PODER?.....	14
2.2. SOFT POWER E EXEMPLOS DE USO.....	16
2.3. MEIOS DE DIFUSÃO DE SOFT POWER: A CULTURA E O FUTEBOL.....	19
3. FUTEBOL COMO FERRAMENTA POLÍTICA E SOCIAL.....	22
3.1. OS USOS POLÍTICOS DO FUTEBOL AO REDOR DO MUNDO.....	22
3.2. O JOGO DA PAZ - HAITI VS BRASIL.....	23
3.3. O MILAGRE DE MARADONA NA COPA DE 1986 - ARGENTINA VS INGLATERRA..	24
3.4. DE JOGADOR A PRESIDENTE: O CASO DE GEORGE WEAH E DA LIBÉRIA.....	26
3.5. SPORTSWASHING E O CASO DO CATAR.....	28
4. O USO DO FUTEBOL PELO BRASIL ENQUANTO FERRAMENTA POLÍTICA E SOCIAL	32
4.1. A CHEGADA DO FUTEBOL EM TERRAS BRASILEIRAS.....	32
4.2. MARCOS TEMPORAIS PARA O FUTEBOL BRASILEIRO: A COPA DE 1950 E O SONHO DO TÍTULO.....	34
Figura 1 - Jornal de 1950 destaca a derrota do Brasil perante o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950.....	39
4.3. A COPA DO MUNDO DE 1970 E O TRICAMPEONATO.....	40
Figura 2 - Pelé levanta a taça da Copa de 1970 ao lado de Médici.....	43
Figura 3 - Médici posa para foto ao lado do elenco campeão da Copa do Mundo de 1970.....	44
Figura 4 - Edição de 1970 da Folha de S. Paulo destaca a demissão de João Saldanha do comando da Seleção.....	44
4.4. A COPA DO MUNDO DE 2002 E O PENTACAMPEONATO MUNDIAL.....	45
Figura 5 - A comemoração do jogador Vampeta no Palácio do Planalto, aos aplausos de Fernando Henrique Cardoso.....	49
Figura 6- O comboio da Seleção brasileira sendo acompanhado pela população haitiana.....	50
4.5. “A COPA DAS COPAS”: REALIZAÇÃO DA COPA DE 2014 NO BRASIL.....	50
5. CONCLUSÃO.....	56
6. REFERÊNCIAS.....	59

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um dos fenômenos culturais mais importantes do século XX (HOULIHAN, 1994, P.52), e sendo portanto uma expressão cultural, está incluso no arcabouço de possibilidades pela qual o Brasil é capaz de influenciar outros povos e países, o que é denominado *soft power*. De acordo com Joseph Nye (2004), *soft power* é a habilidade de cooptar alguém a fazer ou querer algo, ou seja, sua capacidade repousa na habilidade de moldar a preferência de outros, de modo que uma das várias maneiras de moldar essa vontade é a partir da cultura de um povo e de seus valores. Partindo disso, a hipótese que serve como guia dessa pesquisa busca entender se fatores históricos e diferenças culturais mudaram a forma como o Estado brasileiro valoriza o futebol, transformando seus usos e limites. Portanto propõe-se a análise de quatro momentos históricos para a seleção brasileira, sendo eles a Copa do Mundo de 1950, a Copa de 1970, a Copa de 2002 e a Copa do Mundo de 2014, considerando os objetivos, resultados e alcances de cada um dos recortes.

A escolha dos momentos a serem analisados nesse trabalho se dá pelo fato de que é a partir dos eventos de Copa do Mundo que máximas como “Brasil: país do futebol” e “Pátria de chuteiras” ganham maior força e destaque, sendo portanto a realização do evento em solo brasileiro nos anos de 1950 e 2014 uma forma assegurada e muito efetiva de legitimar e reforçar esse ditado, bem como os dois momentos de maior hegemonia futebolística brasileira, 1970 e 2002. Portanto, as escolhas das datas a serem referidas e analisadas neste trabalho foram feitas com base em momentos-chave para a seleção brasileira, seja em relação ao sucesso e prestígio alcançados pela instituição futebolística, seja pelo papel central do futebol brasileiro nas datas em questão. Em relação às escolhas das Copas de 1970 e 2002, estas se dão pelo motivo de que foram os dois momentos em que a Seleção possuiu maior projeção de domínio do esporte, sendo a primeira equipe a ser tricampeã, no México, e também a primeira e única, até o momento da confecção deste trabalho, a ser pentacampeã, no evento realizado conjuntamente na Coreia do Sul e no Japão. Em contrapartida, a escolha dos anos de 1950 e 2014 estão relacionadas à realização da Copa do Mundo em solo brasileiro, momento em que a notoriedade e celebração da cultura brasileira, em especial do futebol, alcançaram seu auge.

Ainda, a escolha das copas de 2002 e 2014 servem como uma antítese em relação aos eventos de 1950 e 1970, no sentido de que as datas pertencentes ao século XX a serem analisadas são anteriores à consolidação da globalização dentro do futebol, seja em seu alcance dentro do esporte ou nas exposições das marcas. O evento da globalização do futebol mudou a forma como os fãs do esporte se identificam com as marcas, jogadores, times e seleções. Tal globalização do mundo do futebol possibilitou que a influência de times e jogadores estrangeiros penetrassem o imaginário e a cultura doméstica brasileira, quebrando o regionalismo característico do torcedor brasileiro e resultando no que é classificado por alguns veículos futebolísticos como “a crise do futebol brasileiro”¹, como apontam Helal e Soares (2003). Como classifica Hobsbawm (2007), o advento de novos meios de comunicação, como a televisão, transformou o futebol no que o autor define como “um complexo industrial de categoria global”, dominado por um número pequeno de empresas capitalistas que possuem nomes de marcas com alcances globais. Dessa forma, saliento a necessidade da escolha de datas que possibilitem a análise de eventos ocorridos antes e após o advento do movimento globalizante do futebol em solo brasileiro.

Em relação a realização da Copa do Mundo de Futebol de 1950 em território brasileiro, antecedentes demonstram que sediar o prestigiado evento futebolístico era uma vontade do então ex-presidente Getúlio Vargas, que buscava fomentar a identidade nacional a partir da união do povo brasileiro pelo esporte (AMAZARRAY, 2011). Porém o advento da Segunda Guerra Mundial frustrou os planos de Vargas, visto que o conflito bélico mundial impediu a realização das duas próximas edições, que deveriam ter ocorrido em 1942 e em 1946. Mas mesmo durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1950, o sentimento da necessidade de união nacional a partir do esporte ainda pairava pelo país. Foi assim então que na campanha para eleger o país-sede, o Brasil despontou como grande nome, visto que a destruição da guerra ainda assolava a Europa.

Enquanto internamente o objetivo era fomentar um sentimento nacionalista entre a população a fim de uni-la em torno de uma causa maior, externamente o governo procurava usar a realização do grande evento esportivo como forma de

¹ Termo usado por alguns comentaristas esportivos para definir o momento de crise financeira dos clubes brasileiros, a queda nas arrecadações dos times e a falta de craques e ídolos na Seleção, usando geralmente os elencos brasileiros das décadas de 50 a 70 como referenciais de comparação com os plantéis atuais.

demonstrar a força de vontade e empenho do povo brasileiro, seja pela expectativa de realização de uma boa campanha dentro dos campos, quanto pela infraestrutura do evento. De acordo com Fátima Antunes, socióloga da USP (citada por GOMIDE, 2013), a construção do estádio do Maracanã seria usada como uma demonstração da capacidade e do empenho do povo brasileiro, como forma de demonstrar que eram capazes de se modernizar e construir novas obras de infraestrutura.

A partir da conquista da taça Jules Rimet e do tricampeonato mundial, a seleção brasileira se consolida enquanto grande potência do futebol. O Brasil, mais do que nunca, era chamado de o “país do futuro”, amado incondicionalmente hoje e futuramente. Ao receber os atletas campeões, Médici até mesmo fazia embaixadinhas diante de toda a imprensa internacional (FRAGA, 2011). Esse foi o ponto-chave para o que o Brasil fosse reconhecido como “o país do futebol”, ou como foi cunhado por Nelson Rodrigues na época, “pátria de chuteiras”.

No cenário interno, a alta cúpula do Regime Militar, chefiada por Emílio Garrastazu Médici, pretendia usar o sucesso da seleção para unir o país em torno de um sentimento de nacionalidade, visto que a recente promulgação do Ato Institucional Nº5 marcava o ápice da repressão imposta pelos governos militares. Mais do que isso, Médici buscava propagar a imagem de “homem do povo” a partir da propaganda de que era um apaixonado pelo esporte (FINO e HINTZE, 2017).

Externamente, a ideia do Milagre Econômico já era propagada, e o sucesso do time brasileiro na Copa de 1970 foi um incremento para esse plano. Na época, mensagens como “Ninguém para esse país” e o famoso slogan que se tornou símbolo da Ditadura Militar, “Brasil: ame-o ou deixe-o” eram propagados à exaustão (FICO, 1997), uma tentativa do governo de aproveitar o momento de prestígio para angariar apoio e legitimidade internacional.

Já em outro momento, durante a conquista do pentacampeonato em 2002, a grande euforia decorria do fato de que novamente o Brasil despontava como potência do futebol, mas dessa vez como a maior delas. O quinto título consolidou o sucesso brasileiro através de um futebol mágico e com uma campanha improvável de “Ronaldo Fenômeno”, que levou o Brasil ao título de pentacampeão. Apesar do relacionamento abalado entre o governo e a CBF devido a duas CPIs que tramitavam no congresso, sendo uma delas responsável por investigar um contrato indevido entre a Nike e a CBF, apoiada pelo Governo Federal, bem como a aprovação da medida provisória da lei de “moralização do futebol”, Fernando

Henrique Cardoso organizou uma grandiosa festa de recepção em Brasília para os campeões. A celebração incluiu fotos no topo da rampa do Palácio do Planalto e as icônicas cambalhotas do atleta Vampeta, que ganharam destaque em manchetes ao redor do mundo. O fato narrado anteriormente demonstra o empenho do governo em usar a imagem da Seleção para se alavancar, visto que a recepção foi realizada mesmo após o então Presidente da CBF, Ricardo Teixeira, não aprovar a ideia do uso político do triunfo brasileiro na Copa do Mundo (SOUSA, 2022).

Durante a campanha de 2003 a 2007 para a realização da vigésima edição da Copa do Mundo no Brasil em 2014, o presidente Luís Inácio Lula da Silva viu a oportunidade de transformar o evento esportivo em uma vitória política significativa, visto que um de seus objetivos era impulsionar sua iminente campanha de reeleição em 2006. A essa altura, 2014, Lula planejava que a realização do evento auxiliaria um possível sucessor a se firmar como nova face do partido, além de trazer prestígio internacional ao país, que ao final da campanha para sediar a Copa, já transitava entre os principais players do cenário internacional político.

Conforme a realização do evento se aproximava, a expectativa do governo chefiado por Dilma Rousseff era de que o evento fortalecesse a imagem do Brasil enquanto destino turístico, atraindo milhões em receita e aquecendo a economia local, que necessitava urgentemente de qualquer tipo de incentivo para a economia, visto a grande crise política e econômica que assolava o país.

Portanto, o objetivo do presente trabalho é entender a maneira como o Estado Brasileiro se utilizou do futebol enquanto ferramenta de *soft power* durante esses quatro momentos ímpares para a história do futebol brasileiro, sendo eles o direito de sediar a Copa do Mundo de 1950 em solo brasileiro, a conquista do tricampeonato em 1970 e do pentacampeonato de 2002, e a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. A partir disso, será traçado um estudo de caso dos momentos descritos, buscando entender se as formas como o governo brasileiro usou esse esporte como instrumento de *soft power* foram semelhantes ou se as condições de governo, praticamente inversas entre os primeiros momentos e os dois outros subsequentes, propiciaram diferentes caminhos de ações para os regimes. Para isso, realiza-se uso de uma abordagem descritiva e qualitativa a partir do emprego do método dedutivo. Como base teórica, foi usada a teoria da interdependência complexa, que faz parte da escola de pensamento do neoinstitucionalismo liberal, que tem como principais autores Robert Keohane e

Joseph Nye, sendo Nye o autor dos termos *soft power* e *hard power*, peças centrais desta obra.

Para tanto, o primeiro capítulo tratará acerca das definições de poder e de *soft power* segundo Joseph Nye, teórico das Relações Internacionais que cunhou o termo. A importância de expor em detalhes esses conceitos está diretamente ligada ao entendimento de todo o trabalho, visto que a forma como a área de estudo das relações internacionais possui uma forma ímpar de compreender o poder dos Estados, seja ele interno ou externo.

Já o segundo capítulo trará estudos de casos sobre os quatro momentos escolhidos, buscando explicitar o momento político vivido em cada caso, bem como as expectativas de cada governo acerca dos eventos, tanto em relação ao ambiente interno quanto externamente. Ao fim de cada estudo de caso, ainda, será tratado acerca das dificuldades enfrentadas em cada momento, bem como o resultado final de cada momento, buscando entender se as expectativas foram correlatas com aquilo que foi planejado ou não.

Por fim, o capítulo de conclusão abordará o uso do *soft power* em todos os casos estudados a fim de responder a pergunta de pesquisa do atual trabalho, visando entender se a forma como o Brasil se fez uso do futebol enquanto ferramenta de *soft power* mudou com o decorrer dos anos, ou se essa maneira de utilizar o poder brando a partir do esporte mais popular do mundo se manteve constante.

A conclusão aponta para uma distinção evidente entre os eventos realizados em terras brasileiras e aqueles em que o Brasil participa em solo estrangeiro, bem como uma diferença entre as Copas do Mundo de ocorrerem antes e depois da globalização do futebol, ocorrida nos anos 90 à partir da promulgação da Lei Bosman e da Lei Pelé. Em relação à assimetria entre as Copas sediadas pelo Brasil e aquelas realizadas em outros países, é entendido que o uso do desporto como fonte de *soft power* é limitado, de forma que seu emprego é diretamente associado à realização de uma boa campanha. Por outro lado, os eventos sediados no Brasil propiciam um uso muito mais flexível do espetáculo, de forma que o emprego do esporte para fins políticos e sociais não será mais associado somente às vitórias em campo, mas também à realização de um evento emblemático, com boa infraestrutura e promoção adequada da cultura brasileira.

Ainda, ao considerar a variação entre as Copas do Mundo ocorridas antes e após a globalização do futebol, é possível observar uma mudança em relação à identidade dos apoiadores da Seleção, de forma que antes advento a identificação com times, jogadores e marcas era restringida às fronteiras nacionais. Após a globalização do desporto, a identidade nacional é substituída por uma identidade híbrida, com torcedores apoiando tanto equipes, jogadores e marcas nacionais como também estrangeiros. Esse movimento contribuiu para a propagação do uso do esporte como ferramenta de *soft power* capaz de ultrapassar as fronteiras nacionais, efetivamente sendo usado como uma vitrine para expor o Brasil ao mundo.

2. DEFINIÇÕES DE PODER E SUAS VARIAÇÕES

O capítulo a seguir tem como finalidade apresentar as definições de poder para as Relações Internacionais, bem como esmiuçar as diferenças entre as classificações de *soft power* e *hard power*. Para isso, será usada a bibliografia “Soft Power: The Means to Success in World Politics”², redigida pelo autor norte-americano Joseph Nye, em 2004. A opção pelo uso dessa bibliografia está pautada no fato de que Nye é o autor do termo em questão, *soft power*, que possui grande espaço nos debates políticos contemporâneos. Dessa forma, se busca tornar mais claro o entendimento sobre os objetos de pesquisa do trabalho, visto a centralidade dos temas abordados.

2.1. O QUE É PODER?

A etimologia da palavra poder aponta para o termo latim *potere*, que indica a capacidade de fazer algo, e possui a mesma raiz da palavra potência. Mesmo que na área de estudos das Relações Internacionais não haja um consenso sobre a definição do termo, muitos teóricos concordam que poder é a capacidade de realizar ações, e a nível mais geral, a capacidade de obter resultados desejados (NYE, 2004). Ainda, segundo Norberto Bobbio (1986), a definição de poder mais aceita entre os discursos políticos da atualidade está ligada a um conceito relacional, sendo portanto a relação entre dois sujeitos, de forma que o primeiro consegue influenciar um comportamento no segundo que, de outra maneira, não ocorreria. Para o autor, grande parte da relevância do fenômeno de poder nos estudos políticos está no fato de que tanto o Estado quanto a política fazem referência ao estudo do poder em suas bases, o que confere intercambialidade entre essas duas esferas de análise. Para justificar isso, Bobbio traz o estudo da etimologia das palavras que definem as formas de governo, sendo que em grande parte, derivam dos termos gregos *Kratos*, que significa “força”, “potência”, e *arché*, “autoridade”, que originam os termos “aristocracia”, “teocracia”, “democracia”, entre outros. Continuando sua linha de raciocínio, Norberto Bobbio adiciona:

Não há teoria política que não parta de alguma maneira, direta ou indiretamente, de uma definição de “poder” e de uma análise do fenômeno do poder. Por longa tradição o Estado é definido como o portador da *summa*

² Poder brando: Os meios para obter sucesso na política mundial (tradução livre)

potestas; e a análise do Estado se resolve quase totalmente no estudo dos diversos poderes que competem ao soberano. A teoria do Estado apóia-se sobre a teoria dos três poderes (o legislativo, o executivo, o judiciário) e das relações entre eles. Para ir a um texto canônico dos nossos dias, Poder e Sociedade de Lasswell e Kaplan (1952), o processo político é ali definido como "a formação, a distribuição e o exercício do poder". Se a teoria do Estado pode ser considerada como uma parte da teoria política, a teoria política pode ser por sua vez considerada como uma parte da teoria do poder (BOBBIO, 1986).

Nas relações Internacionais, de acordo com Joseph Nye, existem três possibilidades para que uma entidade internacional exerça poder sobre a outra, sendo elas cooptação, coerção e indução. Ainda, o autor divide o poder em dois grandes tipos: *soft power* e *hard power*, de forma que o primeiro consiste na capacidade de induzir ou cooptar, e o segundo a habilidade de coagir. O *hard power* tem suas bases ligadas a formas mais brutas de interação, pautadas na aplicação da força militar e poderio econômico, e que demandam do ente influenciado ações mais bruscas e imediatas, sendo portanto ligado a ações de comando. Por outro lado, o *soft power* repousa na habilidade de moldar as vontades de outros entes, ou seja, uma forma mais passiva de influenciar as preferências do outro. Tal preferência pode ser moldada de várias formas, uma vez que, nas palavras de Nye:

Um país pode obter os resultados que deseja na política mundial porque outros países – admirando seus valores, imitando seu exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e abertura – querem segui-lo. Nesse sentido, também é importante definir a agenda e atrair outros na política mundial, e não apenas forçá-los a mudar, ameaçando com força militar ou sanções econômicas. Esse poder brando – fazer com que os outros desejem os resultados que você deseja – coopta as pessoas em vez de coagi-las (NYE, 2004, tradução nossa).³

De acordo com Nye, mesmo com as diferenças de aplicação entre *soft power* e *hard power*, ambos podem ser relacionados por serem diferentes aspectos da habilidade de afetar o comportamento de outros. A distinção entre esses aspectos é pautada na forma como a mudança de comportamento será realizada, variando tanto na natureza de determinado comportamento quanto na materialidade dos recursos disponíveis para essa tarefa. Enquanto o *hard power* está mais diretamente relacionado a um comando, cumprido por coerção ou indução, o *soft power* age a partir da cooptação, seja ela a partir do apreço por certa cultura e pelos seus

³ A country may obtain the outcomes it wants in world politics because other countries—admiring its values, emulating its example, aspiring to its level of prosperity and openness—want to follow it. In this sense, it is also important to set the agenda and attract others in world politics, and not only to force them to change by threatening military force or economic sanctions. This soft power—getting others to want the outcomes that you want—co-opts people rather than coerces them.

valores, ou até mesmo pelo convencimento brando de que dois países podem cooperar entre si para alcançar valores em comum. Os diferentes modos de agir desses dois tipos de poder podem ser explicitados a partir do quadro abaixo:

Quadro 1. COMPORTAMENTOS E FONTES DOS TIPOS DE PODER

Tipos de poder	Espectro de comportamento	Possíveis fontes
<i>Hard Power</i>	Comando (Coerção, indução)	Força bélica, sanções, pagamentos, subornos
<i>Soft Power</i>	Cooptar (Atrair, cooperar)	Valores, cultura, política, instituições

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Nye, Jr. Joseph S. (2004). *Soft power: the means to success in world politics*. New York: PublicAffairs.

Embora os dois tipos de poder sejam classificados como diferentes entre si, é importante entender que não são categorias totalmente separadas. Como explica Nye, *Hard Power* também pode ser uma fonte de *soft power*, e vice-versa. É provável que um país que sofra perdas militares e econômicas passe também a enfrentar dificuldades de projetar sua influência para outras nações e moldar a agenda externa, visto que sua atratividade a partir da lente de observadores externos fica prejudicada. Foi, portanto, a partir desse escopo, que Stalin e Hitler, por exemplo, tentaram criar um mito de inevitabilidade e invencibilidade em relação aos seus países para que fosse possível definir a agenda de países menores que integrassem suas esferas de influência. Ainda, é necessário também se atentar ao fato de que mesmo sendo correlacionados um ao outro, a existência de *soft power* não é de maneira alguma dependente da presença ou não de *hard power*, como é explicitado no caso do Vaticano, que mesmo não possuindo um exército próprio⁴, exerce grande influência sobre outros países a partir da religião católica (NYE, 2004).

⁴ Desde 1506, as únicas forças militares presentes no Vaticano são aquelas da Guarda Suíça Pontifícia.

2.2. SOFT POWER E EXEMPLOS DE USO

A exemplo do uso de *soft power* por parte dos Estados enquanto ferramenta de poder, temos o caso da chamada *Hallyu*, também conhecida como “Onda Coreana”, que diz respeito a propagação da cultura sul-coreana pelo mundo a partir da década de 90. Esse movimento, responsável por mudar completamente o patamar de reconhecimento internacional do país em menos de duas décadas, foi primeiramente impulsionado pelos *Doramas*, séries televisivas dramáticas que se espalharam em primeiro momento pela Ásia e depois se tornaram um fenômeno mundial. Junto a isso, houve também a explosão das visualizações de vídeos musicais de K-pop (pop coreano) em plataformas como o Youtube. Tamanho foi o sucesso de grupos de K-pop ao redor do globo, que o incentivo ao surgimento de novos grupos e a manutenção de outros já existentes se tornou uma política de Estado, como aponta Youna Kim em seu livro “The Korean Wave: Korean Media Go Global”. A partir do emprego de recursos governamentais para incentivar essa indústria crescente, o K-pop deixou de ser um fenômeno regional de influência cultural para se tornar mundial, cativando o público jovem das mais diversas culturas. Todo esse movimento contribui para que a Coreia do Sul consiga importar sua cultura de maneira fácil e passiva, uma vez que o contato com a cultura coreana por meio de músicas e produções de mídia incentiva jovens a aprender palavras e costumes coreanos que moldam seu caráter a longo prazo.

Outro grande exemplo a ser citado é o da França, notadamente um país com grande peso histórico que possui contribuições mundiais nas mais diversas áreas do conhecimento, política e cultura. Em relação às suas produções culturais e científicas, é possível citar o advento do Iluminismo, que a partir de suas ideias de liberdade, igualdade e fraternidade foi responsável por desencadear a Revolução Francesa, usada até os dias atuais como marco histórico e que teve enorme carga no processo de transformação das sociedades posteriores a esse evento, sendo a França uma das nações expoentes no processo de exportação do modelo republicano ao redor do globo. Mais do que isso, o país possui grande tradição diplomática, sendo classificada pelo relatório “Soft Power 30”, de autoria do especialista em *soft power* Jonathan McClory, da revista inglesa Monocle de 2015, como o país que mais exerceu *soft power* durante aquele ano, sendo o primeiro também no quesito “engajamento”, que diz respeito ao alcance da rede diplomática

do país e seu comprometimento com desafios como desenvolvimento e meio-ambiente. Soma-se a isso o fato de a França ser um dos principais destinos turísticos do mundo, com Paris sendo uma das cidades mais visitadas do mundo, o que contribui fortemente para a expansão da difusão de aspectos culturais franceses entre diferentes povos.

Em relação ao periódico *Soft Power 30*, citado anteriormente, vale o destaque visto sua contribuição para o uso do termo em vias práticas. O estudo é feito todos os anos por McClory e sua equipe e usa as analogias de poder introduzidas por Joseph Nye para classificar os países de acordo com o uso efetivo de *soft power*, usando alguns fatores como forma de medir esse uso, sendo eles a cultura, alcance digital, governo, engajamento, educação e empreendimentos. A partir da pontuação feita em cada uma dessas subáreas, se chega a um denominador que determina a capacidade de uso do *soft power* para influenciar outros povos. A subárea da cultura mensura o alcance cultural de uma nação e como estrangeiros se identificam com ela. O alcance digital, como o próprio nome diz, busca entender a forma como os países adotaram o uso de tecnologias e o mundo digital, principalmente no que diz respeito ao emprego da diplomacia digital. O tópico que trata sobre o governo busca entender o estado das instituições públicas, valores políticos e os resultados produzidos pelas políticas públicas. Dessa forma, como introduz o estudo em questão, um modelo funcional de política doméstica é de suma importância para que um país seja atrativo politicamente, desempenhando um papel crucial na propagação de *soft power*. O índice de engajamento procura medir os recursos diplomáticos de uma nação a partir de suas contribuições para a comunidade internacional e sua pegada global.

Já o tópico de educação, embora seja considerado por Nye como pertencente à própria cultura, é colocado por McClory em uma subárea separada pela existência de inúmeros estudos apontando para a importância desempenhada pelo ensino superior no que se refere ao *soft power* de um país. Nesse sentido, o tópico em questão é responsável por entender a contribuição de um povo para a comunidade acadêmica, usando a quantidade de estudantes estrangeiros e qualidade das instituições de ensino, principalmente universidades, como principais métricas. Por fim, a subárea dos empreendimentos busca esmiuçar a atratividade de um país em relação a investimentos, empreendimentos, inovação e a competitividade econômica como um todo. Vale salientar, como aponta Jonathan McClory, que esse tópico se

difere da medição do poderio econômico, uma vez que o trabalho é voltado para a análise de categorias de *soft power*, e mensurar o poder da economia de uma nação envolveria o uso de categorias comuns ao *hard power*.

Nesse sentido, a análise feita em 2019 pelo grupo de estudos liderado por McClory classifica o Brasil na 26ª posição, sendo a cultura o subíndice de maior desempenho do país, estando em 16º lugar. O estudo destaca a expressão cultural brasileira como seu principal trunfo no que diz respeito ao uso de *soft power* para influenciar outros povos, exaltando ainda os esforços e resultados brasileiros na área de educação, subárea que subiu para a 25ª colocação mesmo com os cortes e congelamentos de gastos ocorridos no período.

2.3. MEIOS DE DIFUSÃO DE SOFT POWER: A CULTURA E O FUTEBOL

Em se tratando de cultura, é entendido pelos estudiosos culturais que ela pode ser dividida em dois grupos, sendo eles a alta cultura e baixa cultura, também chamada de cultura popular. De acordo com Nye (2004), tanto a alta cultura quanto a cultura popular são capazes de serem usadas como fontes de *soft power*. No caso das esferas mais eruditas do conhecimento e da arte, o autor cita o exemplo das grandes universidades estadunidenses, que dado seu renome, são constantemente procuradas por pessoas altamente instruídas dos mais diversos países, e que futuramente virão a compor o alto escalão governamental de suas nações. Esse fato dá grande poder sobre opinião ao país, uma vez que as ideias e pensamentos desses estudantes, de uma maneira ou de outra, acabam sendo influenciados pela cultura e modo de pensar norte-americano, podendo até mesmo criar um sentimento de gratidão em relação aos Estados Unidos por terem contribuído com sua educação.

Mais do que isso, tendo a definição de Edward Burnett Tylor (1871) de cultura como todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade, Amazarray (2011) aponta que a fonte mais efetiva de *soft power* de uma nação é a cultura, a partir do momento em que essa seja abrangente o suficiente para despertar um sentimento de atração em outros povos. Por outro lado, caso a cultura de um país seja muito rígida e possua valores específicos, como no caso dos países islâmicos, a capacidade de penetração do *soft power* é prejudicada. Como

exemplo, o autor cita o Carnaval brasileiro, que é visto com bons olhos por grande parte do mundo ocidental, ao mesmo tempo que para as sociedades islâmicas e do leste asiático, mais rígidas e conservadoras, é considerada ultrajante, o que cria um movimento de bloqueio em relação ao emprego do evento enquanto fonte de *soft power* brasileiro.

Por outro lado, os efeitos políticos causados pela cultura popular são mais difíceis de mencionar, visto que sua força está diretamente ligada à vontade popular. Mesmo que os críticos da cultura popular argumentem que o papel político da mesma seja causador de impactos em escala menor, visto que alegadamente é projetada com caráter estritamente comercial, e como propaganda a partir de mensagens subliminares com caráter individualista, é inegável que o caráter popular, ou seja, o apelo para a popularidade de determinada ideia, é capaz de trazer grandes ganhos políticos e econômicos, extraindo sua força não da qualidade propriamente dita, mas sim da quantidade.

Ainda, de acordo com o que foi estudado e entendido durante o decorrer de toda a formação acadêmica, entendo que mesmo que Amazarray indique que os efeitos políticos advindos da cultura popular sejam mais difíceis de serem medidos, é interessante notar que o caso brasileiro, em especial do futebol, é uma ressalva a essa afirmação, visto o peso do esporte para a história e cultura popular do país como um todo.

Segundo Liland (1993), a cultura pode ser englobada como um instrumento fundamental da política exterior de um Estado, influenciando em outras áreas como a definição de agendas políticas, como parte do aparato de propagação externa, auxiliando na negociação e ratificação de acordos internacionais ou até mesmo como um recurso em si mesmo para a política exterior, tendo sua própria área de atuação de modo semelhante a esferas de maior protagonismo, como a área econômica e de defesa. No caso do Estado Brasileiro, como Nye aponta, grande parte das suas fontes de *soft power* se dão a partir das suas promessas futuras como um país com grande potencial econômico e de seu potencial papel enquanto liderança do sul global, e da cultura vibrante do país, sendo o último portanto englobador do advento do futebol.

No Brasil, a mescla entre futebol e cultura tem início na primeira metade do Século XX, como apontam Silva e Carvalho (2016), surgindo como fruto de um movimento que buscava a criação de um sentimento nacionalista capaz de

substituir a estrutura imperial, aos moldes europeus, por algo que remetesse à cultura popular do Brasil, exaltando a miscigenação e as peculiaridades da raça brasileira com o objetivo de tecer um tom positivo ao próprio termo “popular”. Tal sentimento deveria ser fundado a partir da disseminação de ideias, práticas e costumes a partir de elementos característicos da cultura popular brasileira, como os esportes, o samba e o rádio. De acordo com a pesquisadora francesa Anne-Marie Thiesse (2001), essa é uma prática comum quando o assunto é criar ou reforçar o nacionalismo. O uso de elementos nacionais aglutinadores, de uso simbólico e material, como a língua, folclore, hino, bandeiras e até mesmo o uso de figuras importantes como heróis e mitos nacionais são capazes de proporcionar certa noção de continuidade com a história ancestral local, permitindo assim a manutenção de um sentimento nacionalista de unidade em torno de algo que perpassa a individualidade.

Assim como em outros movimentos caracterizados por mudanças nas estruturas sociais, novamente a classe da elite é a força motriz de modificação, sendo responsável por trazer novas ideias do exterior para dentro do país. Papel esse atribuído não pela incapacidade das outras camadas sociais, mas sim pelo fato de que o contato com o mundo exterior, à essa época, demandava que o indivíduo possuíisse meios financeiros para que fosse possível o acesso a outras culturas. Nesse sentido, portanto, o contato dessa elite com outras culturas propicia a entrada de novas ideias e práticas ao cotidiano popular brasileiro, estando o futebol imerso nesse sistema.

3. FUTEBOL COMO FERRAMENTA POLÍTICA E SOCIAL

O capítulo a seguir tem como finalidade exemplificar situações em que o futebol foi usado enquanto ferramenta política e social, seja para ganhar prestígio internacional por parte de um Estado, ou mesmo os usos feitos por entidades nacionais e internacionais. Dessa forma, entendo que seja necessário primeiro entender a origem do esporte em território brasileiro, a fim de compreender suas origens, peculiaridades e os espaços ocupados por seus praticantes na sociedade ao decorrer dos anos.

3.1. OS USOS POLÍTICOS DO FUTEBOL AO REDOR DO MUNDO

Assim como aponta Eric Hobsbawm, o uso do esporte enquanto ferramenta política está diretamente ligado ao sentimento nacionalista e sua importância no que tange as capacidades de um governo para aglutinar diferentes camadas sociais em prol de uma causa específica. No entendimento de Hobsbawm (2012), as primeiras partidas internacionais de futebol tinham o objetivo de integrar componentes nacionais de Estados multinacionais, simbolizando a unidade do povo, bem como as rivalidades entre nações, que transbordavam para o âmago da sociedade na forma de uma competição amistosa entre povos de origens distintas. A institucionalização do futebol funcionava como uma válvula de escape perante as tensões mundiais marcadas pelo fim da Primeira Guerra Mundial. Dessa forma, o autor complementa:

O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação. (Hobsbawm, 2012, p. 171).

Sendo o Brasil um país onde a mística do futebol permeia todas as camadas da sociedade, o uso deste desporto como ferramenta política é altamente difundido e pode ser observado em vários governos ao decorrer da história, como analisaremos no próximo capítulo.

Para contextualizar esse fenômeno, traremos os exemplos do jogo da paz, realizado entre as seleções do Brasil e do Haiti; o embate entre Argentina e

Inglaterra, válido pelas quartas de final da Copa do Mundo de 1986; a transição do futebol para a vida política realizada por George Weah, agora presidente da Libéria; e o esforço catari de empregar o futebol como ferramenta para mudar a imagem política e social de seu país, fazendo uso, portanto, do termo referido como *Sportswashing*.

3.2. O JOGO DA PAZ - HAITI VS BRASIL

Um dos exemplos mais emblemáticos e recentes é o jogo da paz entre as seleções do Brasil e Haiti, que ocorreu em 2004 como forma de reforçar a missão de paz da ONU que, naquele momento, estava sendo comandada pelo Brasil: a MINUSTAH. Essa missão de paz deu-se em resposta, por parte da ONU e de seu Conselho de Segurança, ao golpe de Estado orquestrado por populares, rebeldes e grupos armados que acusavam o presidente de corrupção e violação dos Direitos Humanos, que culminou na renúncia do então presidente do Haiti, Jean-Bertrand Aristide. Imerso em caos, o governo haitiano, a partir de Bonifácio Alexandre, presidente da Suprema Corte do Haiti e que no momento agia como presidente em exercício, solicitou auxílio da ONU para desarmar os rebeldes, promover ajuda humanitária aos civis haitianos e restabelecer a ordem para que um novo processo democrático eleitoral pudesse ocorrer (REIS, 2023).

Os antecedentes da política haitiana demonstram o motivo pelo qual Aristide foi apoiado em sua ascensão ao poder no Haiti. Como descrito por Andrade (2015), entre os anos de 1957 e 1986 o Haiti foi governado pelo regime autoritário da família Duvalier, tendo governado François Duvalier, conhecido como Papa Doc, do ano de 1957 até a sua morte em 1971, e Jean-Claude Duvalier, seu filho e conhecido como Baby Doc, entre os anos de 1971 e 1986. Após décadas de repressão, a população iniciou protestos que mais tarde culminaram na remoção de Duvalier do poder, pondo fim ao regime da família no país (Andrade, 2018). Dessa forma, como bem coloca Reis (2023), a eleição de Aristide em 2001 representava para a população a perspectiva de uma libertação dos vestígios deixados pelo regime ditatorial dos Duvalier.

Nesse âmbito, o objetivo da presença da Seleção em solo Haitiano era o de aproximar os habitantes da ilha caribenha do Exército Brasileiro, buscando transmitir uma imagem carismática que fosse capaz de incentivar a cooperação da população

com as forças militares ali presentes, no esforço de combater os grupos rebeldes armados que tomaram conta do país naquele momento. A intenção era aliar o *hard power* da presença militar com o *soft power* representado pelo futebol brasileiro, buscando conter a violência e a turbulência política causada pela guerra civil (MENEZES, LIMA E BANZATTO, 2018). Como foi apontado pelo primeiro-ministro haitiano Gerard Latortue, em entrevista conduzida pela Folha de S. Paulo em 2004, a mera presença de grandes nomes do futebol brasileiro era capaz de promover a imagem das forças militares brasileiras melhor do que qualquer outra campanha publicitária por parte do governo em Brasília (MAISONNAVE, 2004).

No quadro geral, de acordo com Verenhitch (2008), a própria participação do Brasil como comandante das forças de paz no Haiti fez parte de um esforço coordenado pelo governo Lula para reforçar a liderança regional brasileira na América Latina, bem como angariar prestígio e apoio internacional a fim de pleitear um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Mesmo que exista uma tensão natural entre Brasil e Argentina no que tange às influências na América Latina e o papel de liderança regional, a aceitação argentina da liderança brasileira da MINUSTAH permitiu a legitimação do desejo brasileiro de ser uma hegemonia regional, somado ao fato de que a missão ficou marcada por ser a primeira operação de paz composta majoritariamente por países latino-americanos (Bracey, 2012). Ainda, Bracey aponta para outros dois propósitos que, em primeiro momento, podem passar despercebidos mas que possuem grande peso na tomada de decisão para participar como comandante da missão: o Brasil também buscava reforçar a solidariedade regional na América Latina buscando intensificar os laços comerciais com o sul global, bem como a melhoria das relações civis-militares ao colocar os militares em profundo contato com o Itamaraty e à serviço da própria presidência, ajudando o chefe do Executivo no exercício da diplomacia presidencial, bem como reforçando o papel de contribuir com a segurança internacional.

3.3. O MILAGRE DE MARADONA NA COPA DE 1986 - ARGENTINA VS INGLATERRA

Um outro episódio marcante tanto para a política quanto para o futebol foi a partida entre Argentina e Inglaterra disputada em 1986, válida pelas quartas de finais da Copa do Mundo de 1986, que marcava o primeiro embate entre as seleções da

Argentina e Inglaterra após o fim da Guerra das Malvinas. Os antecedentes deste confronto em campo remontam ao embate que ocorreu próximo à costa argentina, bem como na ilha que dá nome ao conflito. Muito mais do que uma simples partida de futebol, a rivalidade entre Argentina e Inglaterra transbordou as quatro linhas do campo, envolvendo fortes sentimentos nacionalistas de ambos os lados, principalmente em relação aos argentinos, que nutriam um forte sentimento de revanchismo contra os ingleses, enxergando nessa partida uma esperança de redenção da humilhação sofrida com a derrota na guerra. O principal nome da seleção albiceleste, Diego Armando Maradona, conhecido por ser uma figura politicamente ativa fora dos campos e figura ímpar na sociedade civil argentina, embora tivesse dado entrevistas afirmando que ele e seus companheiros de equipe não pretendiam entrar no jogo político, e que encarariam o evento como somente mais uma partida de futebol, na realidade teve outra visão sobre os fatos. Em sua autobiografia, Maradona comenta sobre o jogo das quartas de finais da Copa de 1986:

“Sim, uma final, porque nós, por tudo o que representava, estávamos jogando uma final contra a Inglaterra. Porque foi mais como ganhar de um país, não de um time de futebol. Sim, bem, dissemos, antes do jogo, que o futebol não tinha nada a ver com a Guerra das Malvinas, sabíamos que muitos jovens argentinos tinham morrido ali, que tinham sido mortos como passarinhos... E isso foi vingança, foi.. recuperar alguma coisa das Malvinas. Todos nós dizíamos, nas notas anteriores, que não deveriam ser misturadas as coisas, mas isso era mentira, mentira! Não fazíamos outra coisa além de pensar nisso, um [caralho]⁵ que iria ser uma partida a mais! Era mais do que ganhar um jogo [...] Estávamos defendendo nossa bandeira, os jovens mortos, os sobreviventes...(MARADONA,2006, tradução nossa).”⁶

Portanto, sendo Diego Maradona uma figura de grande renome e importância na sociedade civil argentina, bem como um ente social politicamente ativo, suas

⁵ Nesse trecho, a palavra de baixo calão foi mantida a fim de conservar o sentido da frase.

⁶ Sí, una final, porque nosotros, por todo lo que representaba, jugábamos una final contra Inglaterra. Porque era como ganarle más que nada a un país, no a un equipo de fútbol. Si bien nosotros decíamos, antes del partido, que el fútbol no tenía nada que ver con la Guerra de las Malvinas, sabíamos que habían muerto muchos pibes argentinos allá, que los habían matado como a pajaritos... Y esto era una revancha, era... recuperar algo de las Malvinas. Todos decíamos, en las notas previas, que no había que mezclar las cosas, pero eso era mentira, ¡mentira! No hacíamos otra cosa que pensar en eso, ¡un [carajo] que iba a ser un partido más! Era más que ganar un partido [...] estábamos defendiendo nuestra bandera, a los pibes muertos, a los sobrevivientes...

falas e ações impactaram de maneira grandiosa a forma de pensar dos argentinos sobre seu próprio país, de forma que tanto a conquista da Copa do Mundo de 1986 pela seleção argentina, bem como a postura dos jogadores argentinos no jogo contra a Inglaterra, em especial da figura de Maradona, contribuíram com o renascimento da identidade nacional argentina e a reconstrução da identidade coletiva do país, como aponta professor e pesquisador alemão Thomas Fischer, ao discutir sobre as disposições do pesquisador argentino Pablo Alabarces:

Concordo, porém, com Alabarces quando afirma que "Maradona" deve ser apreendido como um mito discursivo cujo alcance abrange o país inteiro, e que foi modelado acerca dos acontecimentos da Copa Mundial de 1986 e é desde então indispensável para o país. Neste sentido, Diego se apresenta como um talento extraordinário que sobressai devido à sua diferença em relação aos outros (FISCHER, 2015).

Dessa forma, é inegável que Maradona exerce um papel inigualável para reconstruir a imagem argentina, que se encontrava manchada e esfacelada pelo período ditatorial imposto pelos militares, que culminou na campanha desastrosa das Malvinas. Mais do que isso, os acontecimentos da Copa de 1986 foram fundamentais para que a Argentina reestabelecesse sua credibilidade internacional perante outras democracias.

3.4. DE JOGADOR A PRESIDENTE: O CASO DE GEORGE WEAH E DA LIBÉRIA

Tratando-se de África e do futebol africano, o principal nome a ser lembrado é o do ex-jogador de futebol liberiano George Weah, vencedor do prêmio de melhor jogador do mundo pela FIFA (PIERREND, 2023) e ganhador da Bola de Ouro pela revista France Football (L'ÉQUIPE, 2023), ambos em 1995. Nos dias de hoje, Weah é presidente de seu país, tendo usado sua carreira de sucesso como forma de angariar prestígio e apoio entre os liberianos. George Tawlon Manneh Oppong Ousman Weah nasceu em uma família humilde em Clara Town, uma das vizinhanças mais pobres da Monróvia, capital liberiana. Filho de pais pertencentes aos nativos marginalizados da comunidade Kru, se destacou no futebol por seu estilo de drible rápido e ótimas habilidades de marcar gols, o que lhe rendeu passagens de sucesso por grandes clubes europeus como Milan, Paris Saint-Germain, Mônaco e Manchester City (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2024).

Até a data de confecção deste trabalho, George ainda detém o título de único jogador africano a ser agraciado com um prêmio de melhor jogador do ano.

A instabilidade política que tomou conta da Libéria, embora tenha suas raízes fortemente relacionadas aos conflitos entre a elite política e econômica, descendente dos ex-escravos americanos, e a população de povos originários locais, pode ser remontada aos anos de 1979, quando a promulgação de uma tarifa que aumentou vertiginosamente o preço do arroz provocou fortes mobilizações populares para protestar contra o governo vigente, causando distúrbios e pilhagens na capital, Monróvia, que foram violentamente reprimidos pelas forças policiais locais. Após um ano do ocorrido, o subtenente do Exército Liberiano originário da etnia Krahn, Samuel Doe, lidera um golpe de Estado contra o então presidente em exercício William Tolbert ao assassiná-lo na Mansão Executiva da Libéria e executar publicamente outros onze membros de seu governo (WERKER & BEGANOVIC, 2011). O governo de Doe foi marcado por ser extremamente autoritário e corrupto, com Samuel favorecendo sua etnia em função de outras e promovendo o massacre dos povos Mano e Gio, considerados inferiores pela comunidade Krahn. Esse fator foi essencial para desencadear a Primeira Guerra Civil Liberiana (ELLIS, 2006). A guerra foi marcada pelo conflito entre as forças do governo Doe contra os insurgentes liderados por Charles Taylor, um antigo burocrata acusado por Doe de fraude, e apoiados pelo Fronte Patriótico Nacional da Libéria (NPFL, em inglês) composto por parte da oposição do governo e pelas etnias massacradas por Samuel Doe (16). Embora houvesse um período de cessar-fogo entre os anos de 1996 a 1999, com Taylor exercendo a função de Presidente a partir da realização de eleições, os conflitos retornaram a partir do embate entre as etnias Krahn e Mandingo, que possuíam maior força militar. O conflito só teve um fim a partir da intervenção dos Estados Unidos em conjunto com a Nigéria, em 2003 (WERKER & BEGANOVIC, 2011). Os fatos narrados a seguir são responsáveis por desenhar o atual cenário político e social liberiano.

Fora dos gramados, Weah se tornou politicamente ativo após o fim de sua carreira como jogador, tendo sido embaixador da boa vontade pela Unicef, onde advogou pelo fim da guerra civil que assolou a Libéria entre 1989 e 2003 (BBC BRASIL, 2004). Mais do que isso, como explicitou Hassan Bility, jornalista liberiano, em entrevista ao portal de notícias francês Le Monde (2017), foram os parentes de Weah que o incentivaram a entrar para a carreira política se candidatando à

presidência da Libéria em 2005. Como aponta Bility, George Weah não havia se envolvido na guerra por conta de sua ausência no país, e portanto era o único candidato neutro possível. Porém, mesmo contando com a neutralidade e fama entre os eleitores, o ex-futebolista perdeu o pleito duas vezes para a presidente em exercício na época, Ellen Sirleaf, em 2005 e 2011, obtendo sucesso político somente em 2014, quando foi eleito senador pela província de Montserrado, condado que abriga a capital. Em 2017, novamente disputou a presidência da república liberiana, dessa vez contra o vice-presidente de Ellen, Joseph Boakai, sendo eleito com 61,5% dos votos. Ghalia Kadiri (2017), jornalista do Le Monde, atribui ao sucesso eleitoral de Weah o fato de que sua antecessora não foi capaz de combater a corrupção existente no país, tampouco melhorou a qualidade de vida da população liberiana, que conta com aproximadamente 60% de seus habitantes vivendo abaixo da linha da pobreza.⁷ Aliado a isso, Kadiri aponta que o discurso de George utilizou como base a sua origem Kru, se dirigindo aos estratos menos afortunados do país, que em sua maioria são nativos subjugados pelas classes dominantes pertencentes às elites politicamente influentes e descendentes dos escravos livres que migraram para as terras que hoje são conhecidas como Libéria. Ainda, Weah conta com o fato de ainda ser o segundo presidente liberiano que não provém da elite do país, assim como Samuel Doe, que foi executado por um golpe de Estado. Diferentemente de Doe, como aponta Kadiri, Weah conta com o fato de ser um símbolo do esporte nacional, considerado por muitos como a personificação do sucesso de um deles, de forma que seus eleitores entendem que ele estaria protegido da corrupção por já ter acumulado uma soma considerável de dinheiro durante sua próspera carreira como jogador.

3.5. SPORTSWASHING E O CASO DO CATAR

O termo *sportswashing* foi utilizado pela primeira vez pela ativista de direitos humanos azeri Gulnara Akhundova, ao escrever um artigo para o jornal britânico Independent onde criticava a realização dos Jogos Europeus no Azerbaijão, em 2015, mesmo com a ocorrência de várias denúncias acerca da violação de direitos

⁷ De acordo com o Banco Mundial, estão abaixo da linha internacional da pobreza aqueles indivíduos que sobrevivem com menos de US\$2,15 ao dia. Fonte: <<https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/themes/poverty-and-inequality.html#:~:text=Poverty%20measured%20at%20the%20international,than%203%20percent%20by%202030.>>>

humanos praticados pelo governo daquele país. Como define ao longo de seu artigo, Akhundova usa esse neologismo para definir a tentativa do Azerbaijão de legitimar seus atos e melhorar sua imagem a partir da promoção de eventos esportivos, buscando mascarar as mazelas ocorridas dentro de seu território.

Ao falar sobre o Catar e como o emirado catari faz uso de *sportswashing*, é necessário entender qual a situação atual da política do Catar. O país é um emirado, tendo como governante indiscutível o emir Tamim bin Hamad Al Thani, responsável por indicar e destituir todo o corpo de ministros do Conselho de Ministros, a autoridade máxima responsável pela legislação, bem como em ter a palavra final de veto ou aprovação de toda e qualquer lei a ser promulgada. Além disso, a religião oficial do país é o islamismo, seguindo a interpretação Wahhābī do Corão, relativamente restritiva (THE ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2024). Ainda, o país é considerado um dos mais ricos do mundo de acordo com a Global Finance Magazine, estando em quarto lugar na relação entre paridade de poder de compra e PIB per capita. Todos esses fatores propiciaram a oportunidade de usar o futebol como ferramenta política capaz de suavizar a imagem catari para o Ocidente (FILHO, 2023).

A primeira tentativa por parte do Catar de esquematizar o uso político do futebol se deu em 2011, quando o *Qatar Investment Authority (QIA)*, fundo de investimento do governo catari, pagou 50 milhões de euros pelo controle de 70% das ações do Paris Saint-Germain (PSG), time francês de grande expressão nacional que enfrentava dificuldades financeiras e de desempenho ao longo dos últimos anos (UOL, 2011). O principal objetivo da nova administração era conquistar o título da UEFA Champions League, considerado o maior campeonato de clubes do mundo e um dos eventos de maior expressão do esporte. Além de uma forma de diversificar os investimentos cataris, a compra do clube serviu como uma forma de propagar o Qatar pelo mundo, visto que o futebol europeu é o centro de todas as atividades futebolísticas mundiais e sede dos campeonatos mais cobiçados pelos jogadores e fãs, o que torna o potencial de exposição de marca exponencialmente maior. Dessa forma, a gestão do PSG pelo QIA é marcada pela aquisição de grandes nomes do futebol mundial a partir de enormes cifras de dinheiro para comporem o plantel do time parisiense, como por exemplo Neymar e Mbappé, custando €222 milhões e €180 milhões respectivamente, sendo consideradas as duas transferências mais caras do mundo do futebol até o momento. Somado a isso,

houveram também a presença de outros grandes nomes no time de Paris a partir da nova gestão, como Zlatan Ibrahimović, David Beckham e até mesmo Lionel Messi, considerado por muitos um dos melhores jogadores da história do esporte.

Aliado a isso, a realização da vigésima segunda edição da Copa do Mundo em solo catari se enquadra como mais uma ação do Catar dentro do escopo de *sportswashing*. A candidatura do país árabe para ser sede da Copa do Mundo de 2022 foi escolhida ao concorrer contra as candidaturas da Austrália, Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul. Além de utilizar grandes nomes do futebol como embaixadores em sua causa, a exemplo de Zinedine Zidane e Pep Guardiola, o emirado usou como trunfos o fato de ser a primeira edição realizada em solo árabe, onde existe uma grande paixão pelo esporte, a proximidade entre os estádios por conta da pequena extensão territorial do país, o que proporciona a oportunidade de assistir a mais de um jogo por dia, e a ótima infraestrutura do país, capaz de oferecer estádios com climatização e tecnologia de ponta, promessa usada para contornar a preocupação dos dirigentes da FIFA em relação ao clima seco e quente dos meses de junho e julho no Oriente Médio (GLOBO ESPORTE, 2010), fato que mais tarde propiciou a mudança do evento para os meses de novembro e dezembro, em que o clima é mais ameno.

Embora os dois eventos sejam parte de um esforço único buscando transformar a imagem do país, os resultados produzidos são adversos. A compra do clube Paris Saint-Germain foi um sucesso ao trazer uma nova fonte de renda para os cofres cataris. No ano da contratação de Neymar, 2017, o estoque de 10 mil camisetas com o nome do jogador se esgotou em menos de seis horas após o anúncio, com faturamento estimado em 1 milhão de euros somente naquele dia (O GLOBO, 2017). Ainda, uma análise feita pelo grupo Deloitte, do ramo de auditoria esportiva, mostrou que o PSG demonstrou um aumento significativo na renda relacionada a receita comercial após a chegada do jogador brasileiro, gerando cerca de 363,4 milhões de euros durante a temporada 2018/2019 e sendo considerada a segunda maior receita da história da análise (TERRA, 2020) e, atualmente, o time conta com a terceira maior renda entre os clubes de futebol (DELOITTE, 2024). Ainda, a exposição da marca do time parisiense obteve grande êxito, saindo de aproximadamente 500 mil seguidores em 2011, ano da compra do time, para mais de 100 milhões de seguidores nas redes sociais (MKTESPORTIVO, 2021), fatores que ajudaram o clube a crescer vertiginosamente, visto que no ano da compra feito

pelo QIA o valor do clube era de 100 milhões de euros, valor quarenta vezes menos do que o atual valor do clube, que chegou aos 4 bilhões de euros em maio de 2023 (FORBES, 2023). Mais do que um sucesso ligado ao fator futebol, o investimento catari obteve grande êxito em diversificar as fontes de renda do país, contribuindo para aliviar a dependência econômica do emirado árabe em relação às suas exportações de petróleo.

Por outro lado, embora a realização da Copa do Mundo de 2022 no Qatar tenha conseguido mostrar a cultura catari ao mundo, também expôs as grandes contradições existentes no país, principalmente aquelas relacionadas às violações dos Direitos Humanos. Em um documento produzido pela Human Rights Watch e endereçado aos repórteres que iriam fazer a cobertura do evento, a ONG explicita os abusos sofridos por imigrantes, minorias e mulheres no país. De acordo com o levantamento feito em 2022, a mão de obra responsável por construir a infraestrutura para o evento é proveniente de países africanos, do Nepal e da Índia, de forma que tais trabalhadores, em sua maioria braçais, eram submetidos a abusos como o atraso no pagamento de salários e direitos, condições subumanas de alimentação, higiene e descanso, além de mortes constantes causadas pelas más condições de segurança e horas exaustivas de trabalho sob o clima escaldante. Ainda, o documento explicita a discriminação contra as mulheres, em especial aquelas relacionadas aos direitos inerentes à Declaração Universal dos Direitos Humanos, como educação, liberdade, não-discriminação, saúde e igualdade de oportunidades. Ainda, a discriminação e violência contra a comunidade LGBT (HUMAN RIGHTS WATCH, 2022). Mais do que isso, episódios em que essas violações foram relatadas ocorreram durante o evento, principalmente como pôde ser observado a partir da repercussão causada pela proibição por parte da FIFA do uso de uma braçadeira pelos capitães das equipes de futebol, que expressava apoio à comunidade LGBT com a escrita “OneLove”. A justificativa da entidade máxima do futebol foi a de que as equipes não podem expressar nenhum tipo de pensamento ou corrente política, religiosa ou pessoal durante as competições da FIFA, estando sujeitos à punição com cartão amarelo aqueles jogadores que usassem o acessório (Reuters, 2022).

4. O USO DO FUTEBOL PELO BRASIL ENQUANTO FERRAMENTA POLÍTICA E SOCIAL

Este capítulo tem como objetivo destrinchar o uso brasileiro do futebol, seja como ferramenta política, associada às capacidades brasileiras de empregar o uso do *soft power*, capaz de promover a imagem do país externamente e angariar apoio interno, ou mesmo em seu caráter social, contribuindo para incrementar e fortalecer as místicas populares que caracterizam o imaginário do brasileiro e influenciam fortemente seu cotidiano. Para tanto, serão analisados quatro momentos considerados como marcos temporais para a história do futebol brasileiro, seja pela importância histórica na construção da identidade futebolística e social brasileira, ou mesmo pela magnitude da projeção realizada pela qualidade futebolística do Brasil em determinado momento.

4.1. A CHEGADA DO FUTEBOL EM TERRAS BRASILEIRAS

Antes de expor as situações em que o futebol foi usado como instrumento político e social, é preciso entender como se deu a entrada desse esporte na sociedade brasileira, bem como seu processo de massificação, que nos dias atuais corresponde a uma parcela importante e indivisível da identidade brasileira.

No caso do Brasil, como foi na maioria dos esportes, o futebol é inserido na sociedade brasileira como um esporte das elites para a elite. Mesmo que a história da chegada do desporto inglês ao Brasil possua muitas versões, a mais aceita indica que o futebol chegou por intermédio de Charles Miller, um descendente de ingleses que ao viajar para a Inglaterra a fim de estudar, teve contato com o esporte inglês e logo despontou como um jogador de grande habilidade, sendo posteriormente jogador de clubes tradicionais da Inglaterra, como o Southampton. Mesmo que a essa altura o futebol fosse majoritariamente amador, Miller ganhou grande renome entre os amantes do esporte, fato que alimentou a paixão do brasileiro pelo esporte. Ao retornar para o Brasil, trouxe bolas de futebol, calções, camisas, chuteiras e um folheto com as regras do esporte. Seu objetivo era disseminar a prática do desporto entre os ingleses habitantes de São Paulo e que estavam acostumados a jogar cricket. Assim sendo, logo a atividade ganhou o gosto dos aristocratas e industrialistas paulistas. A partir disso, o futebol se espalhou pelo coração dos

principais centros urbanos do país, mas ainda limitado às classes sociais mais privilegiadas, sendo praticado somente por jovens ricos e brancos ligados à aristocracia descendente dos colonos ingleses. Como aponta Helal (1990), a prática do esporte era considerado algo chique, parte dos costumes de jovens considerados de “boa família”, sendo uma espécie de festividade exclusiva das elites sociais. Dessa forma, a maioria das ligas de futebol amadores aceitavam somente jogadores brancos e pertencentes às elites, visto que foram criadas, em sua maioria, por imigrantes.

Como aponta Caldas (1989), o grande diferencial da difusão do futebol no Brasil se dá pelo fato de que sua prática não foi proibida, como na maioria dos países europeus. Diferente do que ocorria nas nações do Velho Mundo, o futebol não era um esporte ligado às classes mais populares, e dessa forma não era visto pelo Estado brasileiro como uma ameaça, ou seja, como uma atividade capaz de aglutinar pessoas que mais tarde pudessem se agrupar para reivindicarem direitos. Em solo brasileiro, o esporte possuía presença imprescindível nas escolas voltadas aos ricos. Assim sendo, os colégios frequentados por alunos pertencentes à elite econômica brasileira eram responsáveis por formar jogadores extremamente talentosos, que mais tarde seriam os pivôs para a disseminação do desporto pela nação. Borsari (1975) e Lima (1982) frisam que a situação no Rio de Janeiro era semelhante ao que ocorria em São Paulo, com o futebol estando intrinsecamente ligado à elite, sendo o Vasco o único clube entre os cinco grandes times cariocas⁸ a incentivarem a difusão do futebol entre as massas. Diferente dos maiores times, as equipes do norte do Rio de Janeiro não conseguiam manter o esporte no seu plantel devido às barreiras econômicas ligadas ao futebol, uma vez que todo o equipamento para que o jogo ocorresse era importado da Europa, aliado ao fato de que os integrantes desses clubes eram trabalhadores das indústrias e latifúndios da região, não dispendo de tempo para treinar o futebol e assim não conseguindo competir com os jogadores das elites, que treinavam nas escolas todos os dias. Mesmo assim, os grandes clubes insistiam em financiar o esporte para agradar às elites locais e aproximá-las de seus respectivos clubes, buscando atrair também novos patrocínios e parcerias.

⁸ Os cinco grandes times cariocas são: Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Vasco. São esses os mais tradicionais times cariocas e pioneiros no esporte, contando com as maiores torcidas e as maiores quantidades de títulos.

Foi somente a partir do ano de 1904, com a fundação do The Bangu Athletic Club, que o esporte começa a se tornar mais democrático. O clube em questão foi fundado pelos proprietários da Companhia Progresso Industrial LTDA, que importaram todo o equipamento necessário para que o esporte fosse praticado. Como a quantidade de imigrantes ingleses na empresa não era suficiente para formar dois times, bem como a distância dessa empresa em relação aos grandes centros urbanos, os altos funcionários decidiram convidar os operários que trabalhavam na própria fábrica. Como forma de recompensa aos trabalhadores que possuíam um bom desempenho futebolístico, os supervisores disponibilizavam horários livres para treino e trabalhos mais leves, a fim de incentivar os operários a jogarem bem e assim construir uma equipe capaz de competir com aquelas formadas pelas grandes elites paulistas e cariocas. Como aponta Betti (1997), a partir das constantes vitórias do time, a equipe de futebol se torna mais notória do que a própria empresa, de forma que os gestores passam a contratar funcionários com base em suas qualidades futebolísticas ao invés de seus desempenhos empregatícios. Assim, com as constantes vitórias de clubes como Bangu e Vasco da Gama após começarem a admitir jogadores negros e mulatos em seus times, que a aceitação de pessoas de cor no esporte foi sendo difundida entre os clubes e ligas, dando início à massificação do esporte, que teve seu auge a partir da realização da Copa do Mundo de Futebol de 1950, em solo brasileiro.

A partir do evento, o futebol passa a permear cada vez mais a cultura brasileira, transitando agora tanto entre as classes mais abastadas quanto nos estratos mais populares, sendo assim um elemento aglutinador dentro do país e que consequentemente pode e foi usado como fonte de *soft power*, tanto no cenário interno brasileiro, quanto externamente para projetar uma boa imagem do Brasil aos outros povos.

4.2. MARCOS TEMPORAIS PARA O FUTEBOL BRASILEIRO: A COPA DE 1950 E O SONHO DO TÍTULO

O primeiro marco a ser analisado é a Copa do Mundo FIFA de 1950, realizada no Brasil pela primeira vez. Porém, para entender os resultados produzidos por esse evento, é necessário primeiro analisar os antecedentes que levaram à ocorrência da

Copa no Brasil, bem como todo o contexto histórico que cercava o país e o mundo naquele período.

No cenário interno, o quadro da recente queda de Getúlio Vargas e do Estado Novo foi resultado de várias contradições existentes entre a política interna brasileira e a política externa durante o período da Segunda Guerra Mundial, caracterizadas pela presença ativa brasileira no combate aos países do Eixo, mesmo que as características do Estado Novo getulista fossem semelhantes às nações do bloco supracitado. Como apontam Vianna e Villela (2005), o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para combater os regimes nazi-fascistas foi o ponto de inflexão usado por opositores, a partir da figura dos militares, para denunciar a contradição existente entre a ditadura varguista e o apoio brasileiro às democracias no embate bélico. Assim sendo, as eleições de 1945 foram vencidas por Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático, PSD, ao derrotar Eduardo Gomes, da União Democrática Nacional, UDN. A política interna de Dutra ficou mais conhecida a partir do intitulado plano SALTE (Iniciais de Saúde, Alimentação, Transporte e Energia), um plano quinquenal que previa vastos investimentos públicos em quatro grandes setores econômicos e sociais considerados de extrema importância para a modernização brasileira (TEIXEIRA, 2013). A ideia do plano surge como resposta à alta inflação que assolava o país e era causada pela elevação do custo de vida nos grandes centros urbanos, mas é abandonada em 1951 a partir da vitória de Getúlio Vargas.

Externamente, o cenário era moldado pelo fim do maior conflito bélico já enfrentado pela humanidade, a Segunda Guerra Mundial, que acabara em 1945 produzindo um cenário caracterizado por uma ordem bipolar entre Estados Unidos e União Soviética. Dentro desse escopo, o alinhamento brasileiro deixou de possuir a característica equidistância pragmática adotada por Vargas e passou a demonstrar um alinhamento automático com Washington, procurando tirar proveito da participação brasileira no conflito para assumir uma posição de destaque na ONU e na América (MOURA, 2020 apud ANKAVA, 2023). Ainda, o continente europeu se encontrava em recuperação da destruição causada pelo conflito, fato que, como foi citado anteriormente, contribuiu para a escolha do Brasil como sede do evento. Como forma de auxiliar a recuperação da Europa, bem como frear o avanço soviético no mundo, em 1947 o então presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, faz um apelo às nações capitalistas para que em conjunto criassem estratégias para

conter o socialismo, no que ficou conhecido como *Doutrina Truman*. Dentro desse escopo, no âmbito econômico surgiu o Plano Marshall, um plano de ajuda externa desenhado para financiar a reconstrução dos países da Europa ao mesmo tempo em que buscava diminuir a influência soviética proveniente dos países do leste europeu, que já se encontravam sob o guarda-chuva da política soviética (COSTA, 2017). Mesmo que não fosse tão desenvolvida naquela época, a indústria do futebol foi paralisada juntamente com o início da guerra, sendo a realização da Copa do Mundo de 1950 o marco simbólico da retomada do esporte.

Os eventos que levaram o Brasil a sediar seu primeiro campeonato mundial em 1950 tiveram início durante a Copa do Mundo de 1938. Naquele ano, no Congresso da Fifa para decidir o país-sede da Copa do Mundo de 1942, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) lançou a candidatura brasileira para concorrer contra o pleito já lançado pela Alemanha nazista, que buscava usar o evento como uma forma de impulsionar suas teorias de superioridade da raça ariana em relação ao resto do mundo - a exemplo do que tentou ao sediar as Olimpíadas de 1936. O comitê do Congresso, em dúvida, decidiu adiar a decisão para 1940 e, posteriormente, devido ao início da Segunda Guerra Mundial, novamente a decisão foi adiada (Franzini, 2010). Ainda segundo Franzini (2010), em 1946, novamente o Brasil apresentou a proposta de sediar a copa do mundo em um Congresso organizado pela FIFA e realizado em Luxemburgo, ganhando o direito de sediar o evento em sua próxima edição, que ocorreria em 1950. Para o Brasil, o momento era de extrema oportunidade, visto que o país acabara de sair de um período ditatorial, onde traços de semelhanças com o derrotado fascismo podiam ser observados. Além disso, era uma oportunidade única para equiparar o Brasil aos países em desenvolvimento e às grandes potências do futebol (PAIVA, 2014). Uma das formas de demonstrar o empenho e capacidade do povo brasileiro foi a construção do Estádio do Maracanã, projetado para ser o maior do mundo à época, com capacidade para 200 mil pessoas, como destacou a socióloga Fátima Antunes (apud GOMIDE, 2013). Juntamente a isso, a presença de repórteres de várias nacionalidades desenhava a oportunidade perfeita para demonstrar ao mundo exemplos de civilidade, organização, urbanização e modernidade (Fraga, 2006), transformando a imagem de um Brasil ditatorial e retrógrado para um país do futuro, democrático e capaz de realizar grandes feitos em tempo recorde.

Para demonstrar o alto teor de uso político do evento, é importante relembrar que as eleições presidenciais seriam realizadas ainda naquele ano, no dia 3 de outubro, tornando portanto o evento em um chamariz para possíveis eleitores, sendo o título da Copa do Mundo o principal trunfo do governo para manter a população ao seu lado. Os discursos políticos de apoio aos jogadores e à seleção puderam ser observados em demasia, com candidatos fazendo promessas e oferecendo presentes aos jogadores em caso de bom desempenho (GILARDI, 2008). Mais do que isso, como aponta o autor e jornalista Diego Salgado (citado por BARROS, 2012), as cidades que iriam sediar os jogos eram decididas a partir de jogos políticos de governadores e prefeitos para que ganhasse notoriedade com os eleitores. Como retrata Salgado, um ótimo exemplo do uso político da Copa do Mundo de 1950 está na própria construção do Maracanã, em que houve um embate entre Carlos Lacerda, da oposição, e Mendes de Moraes, prefeito do Rio de Janeiro entre 1947 a 1951. Enquanto Carlos Lacerda buscava construir o estádio longe do centro, no bairro de Jacarepaguá, Moraes preferia que a construção fosse feita no centro da cidade, no bairro da Tijuca. Sendo Mendes de Moraes prefeito, sua vontade prevaleceu e os louros de idealizador do maior estádio do mundo à época foram creditados ao político.

Além do teor político regional aproveitado por governadores e prefeitos, a realização de um evento de tal magnitude era de extrema importância para unificar o país em torno de um sentimento em comum - nesse caso, a conquista da taça Jules Rimet e o consequente título de campeão do mundo (FRAGA, 2006). A unificação de todo o povo brasileiro diante de uma grande conquista era um objetivo de extrema importância não só para o governo brasileiro daquela época, mas também para a estrutura do Estado Brasileiro, visto que as proporções continentais do país e as diferentes influências internas e externas vinculadas a cada uma das regiões do país tornam o povo brasileiro extremamente heterogêneo e variado, dificultando a unidade da população em torno de ideais parecidos. Fato esse que era ainda agravado pela dificuldade em difundir informações e ideias por um território tão vasto, sendo o rádio e a televisão meios de comunicação que ainda se encontravam restringidos aos grandes centros urbanos e que encontravam dificuldades para penetrar as populações que habitavam locais mais afastados do litoral brasileiro.

Um dos fatores que causaram a frustração da expectativa brasileira em relação ao título, e consequentemente ao uso da Copa do Mundo como um trunfo

político, foi o resultado da partida final entre Brasil e Uruguai, disputada no estádio do Maracanã, símbolo do evento e da Seleção. Tamanha era a expectativa da vitória brasileira que, antes mesmo da partida, alguns jornais já tratavam o Brasil como campeão mundial (CORTEZE, 2015). Como apontou o jornalista Mario Filho (citado por CORTEZE, 2015), “todos tinham ido ao Maracanã para ver outra goleada. Era o que esperavam milhões de brasileiros.” Naquela ocasião, o empate com a seleção uruguaia daria o título ao Brasil. Porém, após os 90 minutos de bola rolando, o jogo terminou com o placar de 2 a 1, em favor dos uruguaiois. Visto a expectativa dos torcedores e de toda a imprensa em relação à Seleção, a derrota ainda é considerada uma das maiores na história da equipe brasileira. Tamanha era o choque por parte dos espectadores que Nelson Rodrigues, um dos maiores nomes do jornalismo esportivo brasileiro, declarou que o “*Maracanazo*”, como ficou conhecida a derrota, foi uma “tragédia nacional”, a “Hiroshima brasileira”, a “humilhação nacional, mil vezes pior do que a de Canudos.” (RODRIGUES, 1996, p.24). No dia seguinte, os jornais estampavam notícias destacando a derrota brasileira, enfatizando a tristeza que permeava a população.

Figura 1 - Jornal de 1950 destaca a derrota do Brasil perante o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950.

PAGINA 4 FORTALEZA, SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 1950 O POVO

SURPREENDENTE VITÓRIA DOS URUGUAIOS

O Brasil deixou fugir-lhe das mãos o título de campeão de futebol do mundo - 2 x 1 no marcador - Prevaleceu a fibra dos orientais - Decepcionadas mais de 200 mil pessoas

NÃO PECAM TORNEIRAS



Pegam

Simplex

Torneiras de Precisão

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

DA COMERCIAL DE VIDROS DO BRASIL

GEARENSE

RUA MAJOR FALCÃO, 172 - FONE 4169 FORTALEZA

Na final da Copa do Mundo de 1950, o Brasil perdeu para o Uruguai por 2 a 1. A vitória foi surpreendente para o Brasil, que era considerado favorito. O jogo ocorreu no Maracanã em 16 de julho de 1950. O Brasil marcou dois gols, mas o Uruguai marcou um gol no tempo extra para vencer.

O manto da tristeza cobriu ontem a metropole do país

DEPOIS DO JOGO MILHARES DE TORCEDORES DESFILARAM PELAS RUAS COMO SE ESTIVESSEM ACOMPANHANDO UM ENTERRO — O VESTIÁRIO DOS BRASILEIROS ASSEMBELHAVA-SE A UM VELÓRIO — DECEPÇÃO

Rio, 16. (Asspreu) — A cidade recebeu a notícia da derrota dos brasileiros com verdadeiro pesar. Centenas de torcedores saíram das arquibancadas do Maracanã, desfilando pelas ruas de luto. O vestiário dos jogadores brasileiros assemblava-se a um velório. A decepção foi sentida por milhares de pessoas em toda a cidade.

Em São Paulo também baquearam os favoritos. A cidade também recebeu a notícia da derrota com pesar. Muitos torcedores saíram das arquibancadas do Maracanã, desfilando pelas ruas de luto.

Na vitória da Suécia sobre a Espanha, por 3 x 1 — Os goladores — Renda fraca. A Suécia venceu a Espanha por 3 a 1. Os jogadores da Suécia tiveram uma boa performance, enquanto os jogadores da Espanha tiveram uma performance fraca.

Tristeza e lamentos. A cidade recebeu a notícia da derrota com tristeza e lamentos. Muitos torcedores saíram das arquibancadas do Maracanã, desfilando pelas ruas de luto.

Colômbia dos peraltas. A Colômbia venceu a Argentina por 2 a 1. Os jogadores da Colômbia tiveram uma boa performance, enquanto os jogadores da Argentina tiveram uma performance fraca.

Advogado. O advogado Dr. Josias Correia Barbosa é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Carlos Ivan da Silva é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Haroldo Juacaba é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Carlos Ivan da Silva é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Haroldo Juacaba é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Carlos Ivan da Silva é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Haroldo Juacaba é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Carlos Ivan da Silva é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Haroldo Juacaba é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Advogado. O advogado Dr. Carlos Ivan da Silva é conhecido por sua atuação em casos de direito civil e criminal. Ele é um dos melhores advogados da cidade.

Portanto, como é possível observar a partir de relatos e artigos, (salgado fala isso) o uso político do futebol durante evento da Copa do Mundo em 1950, foi mais voltado ao cenário interno com fins partidários e políticos, como é exemplificado a partir da construção do Maracanã. Em entrevista concedida ao jornalista Ciro Barros, Salgado explicou:

“Mas em 1950 não havia tanto essa preocupação. Era muito mais usar a Copa com fins partidários e políticos, como aconteceu no caso do Maracanã, do que ser uma vitrine para o mundo. Naquela época era mais uma motivação de política interna, dentro desse jogo de interesses entre os políticos locais, e hoje é mais uma preocupação de política externa, de representação do Brasil para o mundo.” (citado por BARROS, 2012)

Portanto, usar o evento como uma vitrine para o mundo era um objetivo secundário, estando ofuscado pelo jogo de interesses políticos locais, mais palpáveis e urgentes aos tomadores de decisões.

4.3. A COPA DO MUNDO DE 1970 E O TRICAMPEONATO

A seguir, trata-se sobre a Copa do Mundo de 1970, realizada no México e considerada por muitos o momento de maior supremacia do futebol brasileiro no esporte. O torneio é considerado um divisor de águas nos campeonatos mundiais graças à conquista da taça Jules Rimet⁹ pelo Brasil, tornando-se o primeiro tricampeão mundial do esporte (HEMAL; CABO; SILVA, 2010). No âmbito da realização do evento, o Brasil vivia o auge da ditadura militar, estando sob o governo mais repressivo do período. Ainda, a seleção nacional vinha de um fracasso ocorrido na Inglaterra durante a Copa de 1966, ao ser eliminada na fase de grupos e frustrar a todos em relação à expectativa de tomar por definitiva a posse da taça Jules Rimet. Assim, a vitória do Brasil representava não só a redenção pela campanha vexatória da última Copa, como também uma forma de os militares angariarem a

⁹ O regulamento criado pela FIFA estabelecia que a primeira seleção que ganhasse a Copa do Mundo três vezes ganharia o direito de manter o troféu Jules Rimet em suas vitrines, feito alcançado pelo Brasil em 1970.

Fonte:

<https://www.conmebol.com/pt-br/noticias-pt-br-3/historia-da-jules-rimet-a-1a-taca-da-copa-do-mundo/>

simpatia da população, bem como de transmitirem a ideia de que o país voltara à “normalidade” política após o Golpe Militar de 1964. Para os militares, o título da Copa do Mundo de 1970 seria a forma definitiva de propagar para meios internos e externos que o Brasil estava “no caminho certo”, a passos largos de se tornar uma grande potência (FARIA E SOARES, 2016). Mais do que isso, o jornalista Alex Bellos transmite a visão geral dos estrangeiros em relação ao futebol brasileiro.

Brasileiros jogam futebol de um modo diferente. Ou pelo menos costumavam jogar. Não importa nunca mais o que façam. O estilo brasileiro é como uma marca registrada internacional, que foi estabelecida durante as Copas do Mundo de 1958 e 1962 e ganhou patente universal em 1970. (BELLOS, 2003, P. 38).

Ao destrinchar o contexto histórico vivido pelo Brasil, é possível entender que no momento do evento, vivia-se no Brasil o auge da popularidade do Regime Militar, com a presidência de Emílio Garrastazu Médici e o “Milagre Econômico” que impulsionava as obras públicas por todo o país, com destaque para as construções de infraestrutura e telecomunicações. Esses fatos contribuíram para que a imagem externa brasileira fosse positiva e entusiasmada de que se tratava de um país do futuro, fato aproveitado pelos militares ao propagarem *slogans* como “este é um país que vai pra frente” e “ninguém segura este país” (CORDEIRO, 2009). Essa imagem de país do futuro foi usada pelo regime para encobrir as duras repressões e violações dos Direitos Humanos existentes à época, principalmente na forma do Ato Institucional Nº5, ou AI 5¹⁰, promulgado em 1968 pelo ex-presidente-militar Artur da Costa e Silva e continuado por Médici.

No cenário externo, a chamada *détente* estava se moldando, caracterizada pelo afrouxamento das tensões entre os blocos capitalista e socialista a partir do resfriamento dos laços que uniam os países centrais desses blocos e seus satélites. Esse resfriamento foi causado pela prosperidade apresentada por Japão e Europa, parcialmente recuperados, com apoio dos Estados Unidos, da destruição causada pela Segunda Guerra Mundial. Aliado a isso, o chamado Movimento dos

¹⁰ De acordo com Carlos Fico, o Ato Institucional restabelecia as cassações de mandatos eletivos e as suspensões de direitos políticos, a possibilidade de confisco de bens de todos os que houvessem “*enriquecido ilicitamente*”, bem como suspendia a garantia de *habeas corpus* em caso de crimes políticos, contra a segurança nacional, contra a ordem econômica e social e que ferissem a economia popular. Por fim, o artigo 12 do Ato institui vigência ilimitada à medida. Como pontuado por Fico, o AI-5º estabeleceu todas as condições para institucionalizar os sistemas de segurança e informações, como o SNI, DIP e DOPS (FICO, 2001, p. 66)

Não-Alinhados representou uma nova força diplomática no jogo político, buscando fugir do colonialismo e das ameaças nucleares que ecoavam no mundo. Já na América do Sul, a década de 70 é marcada pelo surgimento de governos de cunho nacionalista-socialista (GOBO, 2007), que passariam a conviver com os regimes militares e ditatoriais latino-americanos pré-existentes.

Em relação ao uso político do evento, Médici buscou fortemente vincular sua própria imagem à da Seleção. O militar costumava acompanhar os jogos de futebol da equipe brasileira, e os ministros faziam questão de usar esse fato como forma de aproximar Médici da população, como um “homem comum”, uma representação fiel da “brasilidade” (GUTERMAN, 2004). Mais do que isso, o chefe de Estado via o futebol como muito mais do que uma paixão, mas também como uma poderosa ferramenta política, a ponto de usar de sua posição de privilégio para intervir nas escalafões do time brasileiro. Dessa forma, houveram atritos entre o governo militar e João Saldanha, técnico do Brasil que foi demitido do cargo em 1969, um ano antes da Copa, após uma série de desgastes entre sua pessoa e o Regime Militar. Saldanha, um conhecido crítico ao regime, bem como vinculado ao Partido Comunista do Brasil (PCB) (UOL, 2020) era visto como um problema pelos altos comandantes da cúpula do governo. Nas vésperas da Copa de 1970, a imprensa divulgava que Médici havia deixado claro sua vontade em ver Dario Maravilha, um promissor atacante do Clube Atlético Mineiro, convocado na Seleção. Para a imprensa, Saldanha respondeu: *“Nem eu escalo o ministério e nem o presidente escala o time”*. Duas semanas depois da declaração, foi substituído por Mário Jorge Lobo Zagallo, que acabou por fazer a vontade de Médici e convocou Dario (BBC NEWS BRASIL, 2021). Anos mais tarde, João Havelange, então presidente da CBD à época do acontecimento, teria dito que a demissão de Saldanha foi fruto de uma imposição de Médici, que assim como o regime, não admitiam a possibilidade de ver uma figura oposicionista tão popular voltar do México consagrado e venerado pelo povo (VILARINO, 2010 *apud* EL PAÍS, 2017). O então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf (ARENA), também buscou aproveitar a vitória brasileira ao se reunir com os vencedores e presentear cada um deles com um modelo do carro Fusca, na cor verde e com um adesivo do principal mote da ditadura: *“Brasil: ame-o ou deixe-o”*, cobrindo todos os custos com dinheiro público. Ainda, anos mais tarde, o capitão do tricampeonato, Carlos Alberto Torres, usou do sucesso obtido a partir do torneio para

se lançar candidato a vereador do Rio de Janeiro, cargo que ocupou de 1989 a 1993 (CNN BRASIL, 2022).

Figura 2 - Pelé levanta a taça da Copa de 1970 ao lado de Médici.



Fonte: ESPN, 2014.

Figura 3 - Médicos posa para foto ao lado do elenco campeão da Copa do Mundo de 1970.



Fonte: O GLOBO

Figura 4 - Edição de 1970 da Folha de S. Paulo destaca a demissão de João Saldanha do comando da Seleção.

FOLHA DE S. PAULO

SÃO PAULO, 4.ª-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1970 • FOLHA DA NOITE

Saldanha cai; quem tomará seu lugar?

NELIO LIMA E GERALDO PEDROSA

RIO — Saldanha não é mais o treinador da seleção brasileira; a Comissão Técnica foi dissolvida e só Antonio do Passo continuará, não mais na qualidade de presidente da comissão, mas na de diretor de Futebol da CBD. Isto foi o que ficou decidido na reunião de ontem à noite na sede da CBD, para resolver a crise no comando da seleção brasileira.

Antonio do Passo recebeu 24 horas de prazo para, como diretor de Futebol e representante pessoal do presidente da CBD, recolher os homens que comporão a nova Comissão Técnica. Assim, admite-se desde já que ele voltará a presidir a.

O programa de treinamento da seleção foi mantido e hoje às 10 horas os jogadores estarão no Estádio para um treinamento. Assessor de Ad-

Saldanha diz: "Não sei o que vai acontecer. Não sei nem se eu vou poder falar nessa reunião. Pode ser que eu chegue lá e me diga um: você está demitido. Ai eu vou embora. Só isso."

A reunião havia sido marcada, inicialmente, para o fim de semana. Outros

gadores. O jogador de futebol e antes de tudo um profissional, e a comissão técnica.

Para Adolfo Milman, contudo, o que vinha acontecendo ultimamente não é motivo para se pensar a eclosão de uma "revolução porporção".

Isso tudo depende de muitos pontos de vista. O que para mim poderia ter um significado, para outro seria diferente. Cada cabeça pensa de uma maneira.

Entretanto, se havia acontecido com os jogadores que agora estão vindo se manifestar em estado de espírito há algum tempo.

«Vou tudo explicar a respeito de algumas coisas, e eu

Milman dizia que tudo era rotina

RIO — "Tudo isso que está acontecendo não passa de rotina no futebol. Você já viu isso? Não existe coisa assim invulgarável".

Furam palavras de Adolfo Milman, então supervisor do selecionado brasileiro, amigo íntimo de Saldanha há muitos anos e considerado o homem mais moderado dos três que dirigiam a seleção.

Uma coisa que Saldanha fazia quando de "passar" entre a tina: "A demissão de qualquer integrante da Comissão Técnica não significaria necessariamente a demissão de todos os demais." Disse mais:

"Não existe nenhum com-

© Folha.com. Direitos reservados. Proibida a reprodução do conteúdo em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso sem autorização da Folhapress

Fonte: Folha de S. Paulo, 1970.

Além de figuras políticas de grande exposição pública, como o presidente, líderes partidários também fizeram uso extensivo da conquista do tricampeonato mundial como forma de capitalizar ganhos políticos. Logo após a conquista do tricampeonato, o presidente do partido ARENA, Rondon Pacheco, recomendou a todos os candidatos do partido que destacassem a conquista brasileira em seus discursos, em conjunto com as realizações do que chamava de governo revolucionário (GUTERMAN, 2004).

Portanto, em suma, o uso político do triunfo brasileiro na Copa do Mundo de 1970 foi extensivo, sendo utilizado como uma forma de aproximar Médici da imagem de homem do povo, buscando transmitir a ideia de que o se misturava com os populares ao ponto de ser confundido com um deles, e que esse sucesso futebolístico não poderia ter sido alcançado sem o Regime Militar. Externamente, a conquista da taça Jules Rimet foi usada, juntamente com o suposto Milagre Econômico como pretextos para vender a imagem de um país próspero e livre de problemas, que estaria nos eixos após a intervenção militar exercida na política, a passos largos para se tornar a próxima grande potência.

4.4. A COPA DO MUNDO DE 2002 E O PENTACAMPEONATO MUNDIAL

A seguir, trata sobre os usos políticos da Copa do Mundo de 2002, realizada conjuntamente na Coreia do Sul e Japão, e que teve como campeã a seleção brasileira, que chegou ao seu quinto título mundial. É importante notar que o evento, diferente das Copas de 1950 e 1970, ocorreu no contexto do aprofundamento da globalização da cultura.

No caso brasileiro, a globalização do esporte pode ser percebida de mudanças feitas na legislação do esporte, que propiciam o nascimento do mercado futebolístico de compra e venda de jogadores por parte dos times, em especial a partir da promulgação da Lei Bosman¹¹, em 1995, e da Lei Pelé¹², em 1998. Como explicita Stuart Hall (2001), o processo de globalização coloca as identidades

¹¹ A Lei Bosman permitiu que jogadores deixassem seus times após o final de seus contratos para assinar com outras equipes, além de derrubar as restrições relacionadas ao número de atletas da União Europeia nas escalafões (GOAL, 2023).

¹² O objetivo da Lei Pelé foi instituir o fim do passe, um mecanismo pelo qual o atleta era ligado ao time em que praticava o esporte, de forma que só poderia jogar por outro time caso sua equipe atual concordasse. A promulgação da lei possibilitou que os jogadores tenham maior controle em relação aos seus vínculos empregatícios, propiciando maneiras para que os atletas consigam jogar por outras equipes, se assim desejarem (UOL, 2023).

nacionais em declínio a partir do momento em que as mesmas entram em contato com outras identidades ou mesmo com o próprio capitalismo¹³, podendo reforçar regionalismos e identidades nacionais a partir da relutância em aceitar a globalização, como também cria identidades híbridas.

Dentro desse escopo, a partir do fim da década de 1970 nasce a ideia de que o futebol brasileiro estaria entrando em “crise”. Como justificativas, as gazetas esportivas explicitavam a queda progressiva no número de espectadores das partidas de futebol, aumento da violência nos estádios, a evasão de jogadores para os clubes do exterior e o endividamento dos clubes nacionais (HELAL E GORDON, 2002). Porém, como explicam Helal e Soares (2003), o pensamento de “crise” está mais ligado ao processo de globalização em curso, uma vez que agora os jogadores não estão somente ligados a fatores de identidade nacional, como a própria Seleção e times nacionais, mas também representam times internacionais, pelos quais jogam, e marcas multinacionais, como a Nike. Essas empresas representam não só o futebol brasileiro, como também o italiano, espanhol, entre outros. Aliado a isso, o fenômeno da globalização permite que um jogo do Real Madrid seja transmitido globalmente, gerando um processo de desterritorialização do ídolo do futebol, possibilitando uma espécie de pluri-identificação, uma amálgama de diferentes identidades culturais.

Internamente, o cenário de relacionamento entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) com a torcida era complicado. A equipe havia se classificado para o evento da Copa com dificuldades, se classificando apenas na última rodada, em terceiro lugar e apenas a três pontos da Colômbia, a sexta, fora da repescagem (GLOBOESPORTE, 2002). Ainda, duas comissões de inquérito parlamentar (CPI) foram instauradas envolvendo diretamente a CBF. A primeira, chamada de '*CPI da Nike*' foi instaurada em 2001 para investigar irregularidades no contrato de patrocínio entre a Nike e a seleção do Brasil. Ao firmarem um contrato no valor de R\$160 milhões, a CBF deu à Nike o poder de decidir ao menos três amistosos durante a vigência do contrato (1997-2006), o que contrariava a regulamentação da própria CBF ao retirar autonomia da entidade (UOL, 1999). A outra CPI, instaurada nos anos 2000, investigava irregularidades na venda de jogadores brasileiros para times estrangeiros, bem como sonegação de impostos por parte dos clubes nacionais.

¹³ Wallerstein explica que desde seu nascimento, o capitalismo sempre foi um elemento de economia mundial e não dos estados-nação (WALLERSTEIN, 1979 apud HALL, 1999, 1979, P.19).

Todos esses acontecimentos acabaram por minar a confiança da mídia e do torcedor na Seleção. Outrossim, a sequência de jogos com resultados ruins após a derrota para a França na Copa do Mundo de 1998 causaram uma crise na Seleção, que viu passar quatro técnicos no comando do time durante os quatro anos que precederam a Copa de 2002. Luxemburgo, Candinho e Leão foram dispensados, estando nas mãos de Luiz Felipe Scolari o papel de reerguer a Seleção (ESPN, 2012). O técnico gaúcho, inclusive, foi responsável por causar grande atrito entre o elenco do time e o presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso. Ronaldo havia se lesionado gravemente em 1999 e estava retornando aos gramados em 2002, após três anos sem praticar o esporte. Por outro lado, Romário estava em boa fase e era querido pela torcida por sua boa atuação na Copa de 1994. Em uma entrevista a um veículo brasileiro de imprensa, declarou “Eu sou Romário. Sobre isso não há dúvida” (FOLHA DE S. PAULO, 2002). Contrariando a torcida e FHC, Felipão decide bancar a convocação de Ronaldo no lugar de Romário.

Porém, durante a Copa do Mundo, Ronaldo Nazário, mais conhecido como Ronaldo Fenômeno, fez uma ótima campanha com 8 gols, sendo 2 deles na final contra a Alemanha, levando o Brasil ao seu pentacampeonato (LANCE!, 2020) a partir de uma campanha milagrosa que encantou torcedores de futebol por todo o mundo. Mais uma vez, o triunfo brasileiro no maior evento futebolístico do mundo abriu precedentes para que figuras políticas fizessem uso do evento a favor de seus governos e de suas pessoas. Imediatamente após a vitória da Seleção, Fernando Henrique Cardoso tentou convencer Ricardo Teixeira, então presidente da CBF, a autorizar a ida dos jogadores a Brasília, para que pudessem desfilarem na rampa do Palácio do Planalto. Naquela altura, os laços entre Ricardo Teixeira e FHC estavam desgastados graças às declarações do Presidente da República a respeito da convocação de Romário, bem como pelo fato de não ter apoiado a entidade do futebol durante as duas CPIs que tiveram como alvo a CBF (FOLHA DE S. PAULO, 2002).

Ainda, nas palavras de Teixeira, o distanciamento era porque Fernando Henrique não apoiou a seleção a partir do momento que não telefonou aos jogadores para parabenizar em relação às vitórias que levaram o time ao título. Como declarou Ricardo em entrevista recente à CNN Brasil, “Se ele não queria a Seleção, a Seleção não queria ele. Os jogadores ficaram fabulosamente satisfeitos de não ir” (CNN BRASIL, 2020). O dirigente somente foi convencido a partir da

intervenção de Tasso Jereissati, governador do Ceará que era muito próximo de FHC e de Teixeira, e que intercedeu a favor de Cardoso. Dessa forma, Tasso convence Ricardo a liberar os jogadores para desfilarem no Planalto. Embora o uso político feito por Fernando Henrique tenha sido limitado, visto que o mesmo não concorria às eleições presidenciais daquele ano e que seu mandato estava chegando ao fim, o então presidente da República buscou ser visto junto aos jogadores durante o desfile no Palácio do Planalto, erguendo a taça conquistada pelo Brasil no evento, abraçando os jogadores e condecorando cada um dos atletas, assim como Luís Felipe Scolari, com a Ordem Nacional do Mérito (FOLHA DE S. PAULO, 2002).

Embora o pequeno uso político da vitória brasileira de 2002 seja justificado pela crise de imagem vivida pela CBF durante o evento, ao enfrentar duas CPIs e ainda estar associada ao fracasso da Copa de 1998, em que o Brasil foi derrotado por 3 a 0 para a anfitriã França, o uso da imagem dos jogadores desfilando na rampa do Palácio do Planalto por parte de Fernando Henrique Cardoso estava alinhado às diretrizes de política externa empregadas por seu governo. Com o início do governo FHC, em 1995, marcava-se o fim da ideia de autonomia pela distância, usada como diretiva para guiar o comportamento externo brasileiro durante o período da Guerra Fria e se dava início a uma nova era na política externa, que não mais seria guiada por uma política reativa, mas sim por uma agenda internacional proativa e guiada a partir da autonomia pela integração. Nesse ponto, o objetivo brasileiro era de participar ativamente da organização e regulamentação das relações internacionais, com a diplomacia brasileira contribuindo para que o cenário mundial fosse favorável ao desenvolvimento econômico do país (VIGEVANI; OLIVEIRA; CINTRA, 2003), não mais estando a mercê das agendas internacionais de outros países. Dessa forma, o uso da imagem dos jogadores feito por FHC caminhava de encontro a essa ideia, buscando fazer uso da vitória da Seleção como uma propaganda do empenho e capacidade do povo brasileiro.

Figura 5 - A comemoração do jogador Vampeta no Palácio do Planalto, aos aplausos de Fernando Henrique Cardoso.



Fonte: CNN Brasil, 2022.

Anos mais tarde, em 2004, Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil na época, usou a conquista do pentacampeonato ao colaborar com a CBF na ida da Seleção para o Haiti a fim de jogar uma partida amistosa de futebol com a seleção nacional haitiana, no que ficou conhecido como Jogo da Paz no Haiti, analisado mais a fundo anteriormente neste trabalho. Uma vez que a base do elenco era composta por grandes nomes que participaram da conquista do título de 2002, o objetivo do governo Lula era de angariar prestígio com a operação de paz no Haiti, conduzida pelo Brasil, para pleitear um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (REIS, 2022), tendo na figura de nomes como Roberto Carlos, Ronaldo e Ronaldinho importantes veículos capazes de usar o *soft power* brasileiro para reforçar o *hard power* aplicado pelo Exército Brasileiro ao aproximar a população do esporte e, consequentemente, do Brasil.

Figura 6- O comboio da Seleção brasileira sendo acompanhado pela população haitiana.



Fonte: CBF, 2015.

4.5. “A COPA DAS COPAS”: REALIZAÇÃO DA COPA DE 2014 NO BRASIL

Por fim, abordamos a realização da Copa do Mundo de 2014 em solo brasileiro, sendo talvez a Copa do Mundo mais política da história do Brasil (GHZ, 2014) visto que os acontecimentos do evento foram responsáveis por moldar a política interna e externa do país durante a última metade da década de 2010, de forma que os efeitos de suas implicações podem ser observados até os dias da confecção deste trabalho.

Assim como o caso da Copa do Mundo de 1950, também sediada no Brasil, o uso político da Copa do Mundo de 2014 começa a partir da candidatura brasileira para sediar o evento. Como aponta Rodrigo Reis (2022), a partir da decisão de qual país sediar o evento, em 2007, outra iniciativa de projeção do futebol brasileiro entrou em ação. O plano é evidente visto que a campanha teve participação direta de Lula, então presidente do Brasil, a partir de reuniões com Joseph Blatter, presidente da FIFA, e da presença do político na reunião que ocorreu na sede da FIFA em Zurique no ano de 2007 para a votação da candidatura única do Brasil para sediar o evento (ESPN, 2017). Mais do que isso, como aponta Reis (2022), ao analisar o texto da autora Sandra Bry sobre as estratégias brasileiras de *Soft Power*,

introduz a ideia de que as declarações feitas por Lula acerca do Brasil influenciaram diretamente a escolha do país como sede da Copa do Mundo de 2014.

Refinando o conceito de soft power, Bry se ancora em Vuving (2009) que divide o poder suave em três aspectos: beleza, benignidade e brilho. O primeiro estaria relacionado aos valores e ideais, o segundo envolve ações de generosidade e bondade e o terceiro se refere ao sucesso que um país deve resplandecer em função da sua cultura pacífica. Estes tópicos são detalhados em Vuving (2009). Relatamos aqui brevemente, porque Bry (2016) identifica estes aspectos na política externa brasileira quando o presidente do Brasil à época, Luiz Inácio Lula da Silva, expõe o Brasil como um país de grande autoestima, autoconfiança (ou seja, brilho), ou que a nação deseja ser parceiro dos países vizinhos, unir força e habilidades (benignidade). Estes fatores contribuíram para a nomeação do Brasil para sede da Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas 2016, conforme relatório do Banco Mundial. (REIS, 2022).

Ainda, Lula e o Partido dos Trabalhadores enxergavam com bons olhos a sediação do evento, no que dizia respeito à imagem externa do país e à perpetuação da sigla no poder, em especial no apoio popular a uma possível reeleição de Dilma Rousseff (BOMBIG E TURRER, 2014). A oportunidade de sediar um megaevento da magnitude e do alcance da Copa do Mundo ia de encontro ao plano de política externa de Lula, bem como a aquilo desenvolvido e aplicado por Dilma. A política externa do Brasil era pautada na inserção internacional brasileira, buscando transmitir a imagem de um país ativo internacionalmente e defensor de seus próprios interesses através de uma política realista, universalista e pragmática, baseada nos princípios da autonomia e desenvolvimentismo para inserir o país no sistema internacional de forma menos vulnerável (SARAIVA, 2015 *apud* SILVA, 2010). Como parte desse esforço, o país participou ativamente de missões de paz da ONU, como a MINUSTAH, no Haiti, e a UNMISSET, no Timor-Leste. Somado a isso, a participação de destaque brasileira em reuniões importantes como o Fórum Econômico de Davos e nos encontros do G-20. Assim, ao analisar os planos de ação que movimentavam a política externa brasileira naquele período, a realização da Copa do Mundo de 2014 ia de encontro aos interesses do governo em relação à inserção do Brasil no cenário internacional. (SILVA, 2010).

Em relação aos preparativos para realizar o evento, para que o país fosse aprovado como sede da vigésima edição da Copa do Mundo, o Governo Federal concordou em melhorar a estrutura dos estádios que sediaram o evento para que

atendessem aos padrões estipulados pela FIFA, bem como a construir infraestruturas capazes de atender aos espectadores da Copa, como hotéis, estradas, lojas de alimentação, lazer e etc. Em primeiro momento, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, havia dito que a ideia era usar a menor quantidade possível de recursos públicos, de forma que a verba para reformar e construir os estádios deveria vir da iniciativa privada. Pouco tempo depois, Teixeira admitiu que haveria uso de verba pública para a adequação dos estádios, visto que alguns deles eram de posse do Estado brasileiro (TERRA, 2009). O planejamento inicial de gastos girava em torno de um orçamento de 17 bilhões de reais, entre gastos com reformas, adequações e empréstimos feitos pelo BNDES para a construção de infraestruturas, muito diferente do resultado final de gastos que ultrapassou a casa dos 27 bilhões, de forma que somente 7% dos R\$ 8,3 bilhões destinados para a reforma dos 12 estádios vieram diretamente da iniciativa privada (CARTA CAPITAL, 2018).

As desconfiças públicas acerca do superfaturamento das obras para a Copa começaram a partir de 2012, quando surgiram notícias de que, novamente, a previsão oficial de gastos com as obras subiriam novamente, bem como comparações com os montantes gastos por outros países ao sediarem o evento, como apontou o então deputado e ex-jogador Romário, pela internet, que anteriormente havia sido embaixador da candidatura brasileira para sediar o evento, em 2007. No vídeo, o deputado aponta a discrepância entre os gastos de Japão, Alemanha e África do Sul em comparação ao montante desembolsado pelo Brasil. Mais do que isso, um evento pensado por Lula e seus assessores como um trunfo a ser usado por possíveis sucessores se tornou um dos principais motivos da impopularidade de Dilma Rousseff.

Durante o ano de 2013 ocorreram uma série de protestos populares que contaram com a adesão de uma grande parcela da população, no que ficou conhecido como *Jornadas de Junho*. O movimento teve início a partir de protestos na cidade de São Paulo, em oposição ao reajuste da passagem do transporte público. Rapidamente os protestos contra o aumento do transporte público se somaram a outras insatisfações. A partir da internet, os manifestantes ampliaram as pautas para que incluíssem melhorias em áreas como saúde, educação, segurança, transporte e acima de tudo, contra os exacerbados gastos com a Copa e a má gestão do dinheiro público (SILVA SÁ, 2020). De início, as manifestações ocorreram

nas cidades que receberiam os jogos da Copa das Confederações contra os altos gastos com o evento (ALVARENGA, 2016), cidades estas que também sediaram os jogos da Copa do Mundo. Ainda, de acordo com Melo Neto, os protestos que caracterizaram as *Jornadas de Junho* não eram inicialmente contra a realização da Copa do Mundo de 2014, de forma que os protestos contra o evento só foram incorporados às pautas em uma segunda fase do evento. A partir disso, muitos cartazes com dizeres contrários à realização do evento podiam ser observados entre os manifestantes, como “*Não vai ter Copa*” e “*Comitê Popular da Copa*”. Tamanha era a insatisfação popular com a realização do evento, que segundo uma pesquisa conduzida pela CNT/MDA (citada por GÓIS, 2014), aproximadamente 80,2% discordavam da construção dos estádios, ao mesmo tempo em que concordavam que o dinheiro gasto poderia ser empregado em áreas de maior importância.

O advento das *Jornadas de Junho* culminou nas manifestações pró-impeachment iniciadas a partir da reeleição de Dilma Rousseff, em 2014. Na ocasião, manifestantes pediam recontagem de votos, impeachment da petista, além de defesa de um novo golpe militar por parte dos manifestantes (UOL, 2023). Todas essas manifestações culminaram no processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff, acusada de cometer as chamadas “pedaladas fiscais”¹⁴ e conceder renúncias fiscais às empresas que participaram das obras da Copa do Mundo de 2014 (GRILLO, 2016).

De maneira semelhante ao que ocorreu durante a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, o evento da Copa do Mundo de 2014 foi responsável por criar um novo trauma no imaginário do torcedor brasileiro a partir da derrota para a Alemanha por 7 a 1, no estádio Mineirão, em Belo Horizonte. O placar foi e continua sendo marcado como o maior revés brasileiro em Copas do Mundo, conhecido como “*Mineirätzen*”, um neologismo que faria paridade ao “*Maracanazo*” (BRINATI, 2015).

¹⁴ Apelido dado a um tipo de manobra contábil feita pelo Poder Executivo para cumprir as metas fiscais, fazendo parecer que haveria equilíbrio entre gastos e despesas nas contas públicas. No caso do governo Dilma Rousseff, o Tribunal de Contas da União entendeu que o Tesouro Nacional teria atrasado, voluntariamente, o repasse de recursos para a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para o pagamento de programas sociais como Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida, benefícios sociais como o abono salarial e o seguro-desemprego, e subsídios agrícolas (Senado Federal, 2000).

Figura - Capa do jornal Folha de S. Paulo destaca a derrota brasileira para a seleção alemã

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTÁVIO FRIAS FILHO

AVC 04 • QUARTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 2014 • Nº 21.143

EDIÇÃO SP/DF • CIRCULADA ÀS 12H • R\$ 3,00

SELEÇÃO SOFRE A PIOR DERROTA DA HISTÓRIA

★ ALEMANHA FAZ 7 A 1, ESMAGA BRASIL E VAI À FINAL DA COPA ★ ANFITERÃO, PAÍS REVIVE TRAUMA DE 1950
★ FELIPÃO DIZ SER RESPONSÁVEL PELO VEXAME, QUE FRESSIONA O FUTEBOL NACIONAL POR REFORMAS

Pacar no Mineirão, logo após o fim da partida

Pela segunda vez, a seleção brasileira perdeu a chance de tornar-se campeã mundial de futebol jogando em seu país. Se na Copa de 1950 o placar de 2 a 1 para o Uruguai no Maracanã teve contornos trágicos, a derrota de 2014 foi marcada pela humilhação. A equipe nacional amargou o maior revés de sua trajetória centenária e o pior resultado de um anfitrião de Mundiais.

Prostrado diante da eficaz Alemanha, o time de Luiz Felipe Scolari sofreu, em Belo Horizonte, a mais estaposa goleada do futebol brasileiro em 94 anos de participações em Copas. Foi vaiado ou vitu "ole".

Diante de 58.141 pessoas, a equipe dirigida por Joachim Löw fez 7 a 1. Em 29 minutos de partida, já havia chegado a 5 a 0, com quatro gols num intervalo de seis minutos. Na história, as maiores derrotas do Brasil haviam sido na primeira metade do século passado: 5 a 0 para o Uruguai no Sul-Americano de 1920 e 8 a 4 para a Iugoslávia num amistoso em 1934. Com a vitória, a tricampeã Alemanha ultrapassou o pentacampeão Brasil como o país que chegou a mais finais da Copa — esta, contra os alemães, há 80 anos.

Felipão definiu o jogo como "catastrofe". "A escolha da parte tática é minha. O responsável fui eu", afirmou. O goleiro Júlio César disse que a seleção sofreu um "apagão" após o primeiro gol alemão. David Luiz chorou. "Descalpa todo mundo". Desálio do time ao lado do zagueiro Thiago Silva, o atacante Neymar, contundido, foi visto caminhando em sua casa em Guarujá antes do jogo. Após a partida, não se manifestou.

Para ex-ataletes e treinadores, o vexame deve servir à reformulação do futebol nacional. No sábado, às 17h, o Brasil disputa o terceiro lugar em Brasília. **Copa 2014 11**

JUCA KFCURI

Goleada espantosa ensina que humilhação dói menos a acreditar menos na tática e mais no trabalho em campo

ANTÔNIO PRATA

Se para algo servir o massacre, que seja para passar a acreditar menos na tática e mais no trabalho em campo

TOSTÃO

Desculpa de que Brasil perdeu pelos desfalques não faz sentido, diante da superioridade alemã

RESELY SATÃO

É hora de apoiar as crianças, acolher o choque e mostrar que o erro é uma oportunidade de aprendizado

PVC

É necessário um processo de reavaliação total para que o futebol brasileiro sobreviva

JGOR GIELOW

Após a Copa trágica na qual a seleção da Alemanha virou uma bomba para os políticos

Vila 116 **www.vila.com.br**

Exclusivo de Vila 116

ATMOSFERA **Cadê 52**

Seu novo espaço para eventos, festas e reuniões

EDITORIAIS **diário A2**

Leva "Pátria sem fronteiras", acerca de derrota histórica do Brasil na Copa, e "Planos na tática", sobre as jogadas de contra-ataque de defesa.

SP tem 23 ônibus queimados, loja saqueada e brigas na Vila Madalena

Copa 2014 D17 e 323

Em dia de feriado em SP, Argentina e Holanda disputam a outra semifinal

Copa 2014 D24

Dilma teme que mau humor com o revés contamine economia e eleição

Copa 2014 D21

KIA CERATO 2015.

TECNOLOGIA DE PONTA. DESIGN E CONFORTO POR TODOS OS LADOS.

Mais detalhes na página 5. Texto legal na página 3.

CERATO 2015

NOTÍCIA CARRO 2014

KIA CERATO

O MELHOR SEDã MEdIO DA CATEGORIA

PREMIO BEST CAR 2014

EXCELÊNCIA ONLINE

Respeite os limites de velocidade

Muito mais do que um revés dentro de campo, a sonora derrota da Seleção em pleno estádio Mineirão teve repercussões fora do campo, em especial nas áreas econômica e política. Uma vez que o cenário político brasileiro estava tomado por grande polarização, bem como por protestos em relação à realização da Copa do Mundo, a derrota brasileira em campo serviu como uma forma de atenuar o descontentamento popular. Em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo (2017), os economistas Eduardo Zilberman e Carlos Carvalho apontam que o revés brasileiro contra a Alemanha causou impactos no mercado financeiro. Ainda, os economistas defendem que a derrota auxiliou no resultado das eleições de 2014, uma vez que as pesquisas mostravam uma margem de liderança muito mais favorável à Dilma do que aquela que constou nos resultados finais do pleito (PERRIN, 2017)

Ainda dentro desse escopo, em 2015, houve a politização da camiseta da seleção brasileira, de forma que os atos políticos acima citados, que pediam o impeachment de Dilma, agora se caracterizavam pelo uso das cores verde e amarela, em especial da camiseta da Seleção. Essa politização evoluiu a partir da eleição de Jair Messias Bolsonaro, em 2018, quando o uso da camiseta verde e amarela virou sinônimo de apoio ao bolsonarista, de forma que, em 2022, a CBF iniciou uma campanha buscando despolitizar a camiseta da seleção brasileira, a partir de uma peça publicitária para promover a camiseta ao mesmo tempo em que tentava dissociar o uniforme do time nacional da política (MATTOS; SIQUEIRA, 2022). O uso da camiseta como símbolo político continua até os dias atuais, mas vêm perdendo forças, principalmente a partir das investigações contra Bolsonaro e seus assessores.

5. CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foi possível identificar que a importância do *soft power* enquanto ferramenta capaz de moldar as preferências de atores é inegável e indispensável. Nesse sentido, o potencial de uso desse aparato por parte do Brasil é inquestionável, visto o peso dado para o futebol na cultura e cotidiano do povo brasileiro. Assim, é natural que os eventos ligados à prática do esporte tenham grande uso político por parte dos governos brasileiros.

No segundo capítulo, a efetividade do emprego de *soft power* pôde ser observada, seja em formas diretas, como a exemplo do Jogo da Paz no Haiti em que o Brasil empregou o *soft power* ligado ao futebol como forma de amplificar e legitimar o uso de *hard power* por parte do Exército Brasileiro, ou mesmo em momentos onde o emprego deste aparato é secundário e indireto, como o caso argentino da Copa do Mundo de 1986, em que uma partida de futebol foi capaz de auxiliar na reconstrução das estruturas sociais argentinas. Ainda, foi observado que o emprego de *soft power* também pode ser potencializado por fatores ligados ao *hard power*, a exemplo do *sportswashing* realizado pelo Catar com a compra do time francês Paris Saint-Germain.

Em relação às análises dos quatro momentos escolhidos, foi possível entender que, em primeiro lugar, há uma distinção em relação ao emprego do futebol enquanto *soft power* em casos onde o Brasil sedia eventos de Copa do Mundo e em situações onde o time nacional participa do evento realizado em solo estrangeiro. Quando há o emprego do desporto como ferramenta política durante um evento realizado em outros países, os resultados produzidos são diretamente ligados ao bom desempenho da Seleção, tornando praticamente inviável o uso em caso de más campanhas. Por outro lado, um evento realizado em terras nacionais abre um leque de possibilidades, uma vez que possíveis usos do futebol como *soft power*, embora sejam influenciados pelo bom desempenho do time, também podem ser atrelados à realização de um bom evento, seja pela hospitalidade do povo brasileiro ou mesmo pelas boas condições dos estádios, da infraestrutura e da exposição do país a outros povos. Além disso, os eventos realizados após o período da globalização, especialmente daquela realizada no esporte, são capazes de atingir proporções maiores, o que auxilia o alcance do evento e consequentemente seus resultados.

A partir disso, os expostos explicitam que o uso do futebol como ferramenta social e fonte de *soft power* durante a Copa do Mundo de 1950 foram ligadas à formas de expor a imagem brasileira a partir de grandes obras públicas, em especial da construção do Maracanã, maior estádio no mundo na época. Com essas grandes construções, o governo buscava mostrar ao mundo que o povo brasileiro era capaz de realizar grandes feitos a partir de seu empenho e vontade. Ainda, houve extensivo uso por parte de políticos locais como forma de angariar votos, visto o alto teor político nas decisões de quais cidades iriam sediar os jogos, tornando o evento mais voltado às questões políticas.

Já a Copa do Mundo de 1970, realizada no México, foi altamente usada pelo Regime Militar e por Médici, então presidente, como forma de atrelar o regime e a figura do presidente ao sucesso da Seleção nos gramados. O esforço estava no sentido de usar a Copa do Mundo como forma de incrementar a imagem brasileira ao mundo, em especial no momento em que o país passava pelo chamado “Milagre Econômico”. Por outro lado, o momento da Copa de 2002 não propiciou o grande uso do futebol como aparato político e social, visto que o país passava por um momento de transição governamental graças às eleições, bem como a expectativa com a Seleção não era grande, de forma que os políticos não haviam feito planos para que houvesse a politização do uso em caso de uma possível vitória. Ainda, a CBF enfrentava um momento de crises, tendo sido alvo de duas CPIs e da “crise” do futebol brasileiro, apontada por jornalistas e torcedores. Dessa forma, o uso se restringiu a pequenas ações, como o desfile do time campeão no palácio do planalto e o uso tardio do triunfo pentacampeão por Lula, em 2004.

Por fim, a realização da Copa do Mundo de 2014 em solo brasileiro estavam atreladas a grandes expectativas por parte do Governo, que via com bons olhos as oportunidades de expor o Brasil para o mundo e gerar capital político a partir do evento. Porém, graças aos altos gastos públicos e ao momento político vivido pelo Brasil, de alta polaridade, o evento foi duramente rechaçado pela população, sendo um dos motivos para o impeachment da então presidente Dilma e tendo suas consequências ecoadas até os dias atuais.

Portanto, a partir do que foi observado, é possível concluir que o uso do futebol enquanto aparato de *soft power* difere em relação às épocas analisadas, de forma que há uma tendência de uso regional do evento em períodos anteriores ao advento da globalização do esporte, uma vez que nas épocas em questão o futebol

era mais atrelado ao sentimento regional e à identificação dos torcedores com times e jogadores locais, como é possível observar nos eventos de Copa do Mundo nos anos de 1950 e 1970. Por outro lado, após o advento da globalização do esporte, nos anos 1990, a identificação com equipes e jogadores deixa de ser regional e se torna um fenômeno global, impulsionado pelo surgimento do mercado de compra e venda de jogadores, bem como pelas empresas multinacionais presentes no esporte, como Nike e Adidas. Ainda, a exposição dos eventos esportivos proporcionados pelos meios de comunicação possibilitou a criação de identidades híbridas, que não eram mais restringidas às fronteiras nacionais

Esses fatores contribuem para que o uso do futebol enquanto fonte de *soft power*, bem como ferramenta política e social, seja amplificado para além do cunho nacional, podendo ter um alcance global e além de a política eleitoral regional, colocando os eventos de Copa do Mundo em um patamar elevado enquanto ferramenta sociopolítica de cunho regional e global.

6. REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. CPI apura irregularidades no futebol brasileiro. **Senado Federal**, Brasília, 15 dez. 2000. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2000/12/15/cpi-apura-irregularidades-no-futebol-brasileiro>>. Acesso em: 21 dez. 2023.
- AKHUNDOVA, Gulnara. **Baku European Games 2015**: A fearsome PR machine is using sport to sweep human rights under the carpet. Independent, Inglaterra, 12 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/voices/comment/baku-european-games-2015-a-fearsome-pr-machine-is-using-sport-to-sweep-human-rights-under-the-carpet-10314316.html>>. Acesso em: 3 dez. 2023.
- ALVARENGA, Manuela Mendonça de. **Crise, urbano e revolta: As Jornadas de Junho de 2013**. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- AMAZARRAY, Igor Chagas. **Futebol: O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional**. 2011. Tese (Graduação em Relações Internacionais) - Curso de Relações Internacionais - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. 70p.
- ANDRADE, E. de O. DA QUEDA DO DUVALIERISMO À TRANSIÇÃO INACABADA: A crise haitiana dos anos 1980/ FROM THE FALL OF DUVALIERISM TO THE UNFINISHED TRANSITION: The Haitian crisis of the 1980s. **Revista Brasileira do Caribe**, [S. l.], 2019. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/11168>>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. François Duvalier e o bonapartismo haitiano. **Dimensões**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 391-415, out. 2015.
- ANKAVA, Matan. ALINHAMENTO SEM RECOMPENSA, MAS NÃO SEM INTERESSE:: A APROXIMAÇÃO DO BRASIL DOS EUA NO PÓS GUERRA. **Revista Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 27, n. 1, 2023. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/29021/22028https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7987/d62fb8ffad645b805767597035cb7ec9.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- BARROS, Ciro. As lições de 1950 para 2014. **Agência Pública**, São Paulo, 16 out. 2012. Disponível em: <<https://apublica.org/2012/10/licoes-copa-1950-copa-do-mundo-2014-megaeventos/>>. Acesso em: 8 dez. 2023.
- BELLOS, Alex. **Futebol. O Brasil em Campo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 350 p.
- BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: Esporte, Televisão, e Educação Física**. 1997. 290f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BLANCHARD, Jean-Marc F; LU, Fujia. Thinking Hard About Soft Power: A Review and Critique of the Literature on China and Soft Power. **Asian Perspective**, JSTOR, vol. 36, no. 4, p. 565–89, 2012.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo sociedade: para uma teoria geral da política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 14º. ed. Paz e Terra, v. 12, 1986.

BOMBIG, Alberto; Turrer, Rodrigo. A abertura num estádio problema. **Revista Época**, Rio de Janeiro, 12 jun. 2014. Disponível em:
<<https://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/06/abertura-num-bestadio-problema.html>>. Acesso em: 4 jan. 2024.

BORSARI, José Roberto; FACCA, Flávio Berthola. **Manual de educação física**. São Paulo: EPU, 1974-1979. 4 v.

BRACEY, Djuan. O Brasil e as operações de manutenção da paz da ONU: os casos do Timor Leste e Haiti. **Contexto Internacional**, [S.L.], v. 33, n. 2, p. 315-331, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-85292011000200003>.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiratzen: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014**. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. 263p.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

Camisas de Neymar se esgotam em loja oficial do PSG. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 ago. 2017. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/esportes/camisas-de-neymar-se-esgotam-em-loja-oficial-do-psg-21707340>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CARA, Thiago. Trocas de técnico, calvário nas Eliminatórias e Ronaldo: as reviravoltas do Brasil até o penta. **ESPN**, São Paulo, 30 jun. 2012. Disponível em:
<http://www.espn.com.br/noticia/265818_trocas-de-tecnico-calvario-nas-eliminatarias-e-ronaldo-as-reviravoltas-do-brasil-ate-o-penta>. Acesso em: 29 dez. 2023.

CASTRO, Lúcio de. **Com ‘imensa satisfação’, Pelé serviu Médici no ano do tri**. São Paulo: ESPN Brasil, 27 ago. 2014. 1 fotografia. Disponível em:
<http://www.espn.com.br/noticia/435393_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri>. Acesso em: 28 dez. 2023.

CBF (Brasil). Assessoria CBF. **Em 2004, Brasil levou alegria e gols ao Haiti**. 2015. Disponível em:
<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/em-2004-brasil-levou-alegria-e-gols-ao-haiti>. Acesso em: 10 fev. 2024.

COCETRONE, Gabriel. Lei Pelé: entenda importância histórica para o esporte brasileiro. São Paulo: **UOL**, 3 jan. 2023. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2023/01/03/lei-pele-entenda-importancia-historica-para-o-esporte-brasileiro.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Como a camisa e cores da seleção brasileira viraram símbolo do bolsonarismo. UOL, São Paulo, 10 jan. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/01/10/como-camisa-cores-selecao-brasileira-simbolo-bolsonarismo.htm>. Acesso em: 5 dez. 2023.

Confira como foi passo a passo o desfile da seleção em Brasília. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 2 jul. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u44159.shtml>>. Acesso em: 23 dez. 2023.

Copa do Mundo 2002 - Coreia do Sul e Japão. **GloboEsporte**, Rio de Janeiro,[s.d.]. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-do-mundo-2002-coreia-do-sul-e-japao.html>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, 2009.

CORRÊA, Caio; CERQUEIRA, Rodrigo. Camisa Única: manto azul da "Mão de Deus" de Maradona está na Inglaterra. **GloboEsporte**, Rio de Janeiro, 22 jun. 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2016/06/camisa-unica-manto-azul-da-mao-de-deus-de-maradona-esta-na-inglesa.html>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CORTEZE, Késia Costenaro. **O jogo que nunca acabou: A permanência do Maracanã no imaginário dos brasileiros e suas reatualizações contemporâneas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. 120p.

DELOITTE (Inglaterra). **Deloitte Football Money League 2023**. 26. ed. Londres: Deloitte, 2023. 26v.

DELOITTE (Inglaterra). **Deloitte Football Money League 2024**. 27. ed. Londres: Deloitte, 2024. 27 v.

DIAS, Roberto. CPI apura irregularidades no futebol brasileiro. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 abr. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk16049910.htm>>. Acesso em: 23 dez. 2023.

EFE. Fundo do Qatar compra Paris Saint-Germain. UOL, Paris, 31 maio 2011. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/efe/2011/05/31/fundo-do-catar-compra-pari-s-saint-germain.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2023.

ELLIS, Stephen. **The Mask of Anarchy Updated Edition: The Destruction of Liberia and the Religious Dimension of an African Civil War**. 2. ed. Nova York: Nyu Press, 2006. 366 p.

Em dez anos, PSG se consolida como uma potência digital. **Marketing Esportivo**, São Paulo, 5 mar. 2024. Disponível em:

<<https://www.mktesportivo.com/2021/03/mkt-esportivo-em-dez-anos-psg-se-consolida-como-uma-potencia-digital/>>. Acesso em: 9 dez. 2023.

FARIAS, José Airton de; Soares, Fagno da Silva. O FUTEBOL E A DITADURA MILITAR NO BRASIL. A Copa de 1970 no México e seus desdobramentos político-sociais. CCCSS, Málaga, jun. 2016.

FICO, Carlos. **Como eles agiam - os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 288 p.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Fifa anuncia Rússia e Qatar como sedes das Copas de 2018 e 2022. GloboEsporte, Rio de Janeiro, 2 dez. 2010. Disponível em:

<<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/12/fifa-anuncia-russia-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2018.html#:~:text=A%20candidatura%20do%20Qatar%2C%20que,haviam%20recebido%20o%20Mundial%20anteriormente>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

FINO, Patricia; HINTZE, Hélio. Jogada de Médici: o uso da loteria esportiva pelo regime militar brasileiro. **RUA**, v. 23, n. 2, p. 267-289, 2017.

FISCHER, Thomas. “Maradona”, O mito - A formação e a importância para a nação argentina. **Revista Expedições: Teoria & Historiografia**, Morrinhos, v. 6, ed. 1, p. 4-33, 2015. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/4075. Acesso em: 5 nov. 2023.

FLORES, V.; BARROSO, M. A. La cultura y el poder blando en las relaciones bilaterales: el caso de Argentina e India. **Journal de Ciencias Sociales**, n. 12, 25 abr. 2019.

FRAGA, Gerson Wasen. Futebol, imprensa e ditadura: das formiguinhas de geisel à abertura de telê. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo**, 2011.

GARCIA, Fernanda Machado et al. **Esporte como instrumento de soft power: o futebol brasileiro**. 2016. Tese (Graduação em Relações Internacionais) - Curso de Relações Internacionais - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GOBO, K. Década de 1970: a política externa e o papel do Itamaraty. **Revista Debates**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 77-98, 2017. DOI: 10.22456/1982-5269.74687. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/74687>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GÓIS, Chico de. Pesquisa mostra insatisfação dos brasileiros com a Copa. Rio de Janeiro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/pesquisa-mostra-insatisfacao-dos-brasileiros-com-copa-11637174>>. Acesso em: 8 jan. 2024.

GUEDES, Marcos. Demitido há 50 anos, Saldanha deixou marca no Brasil tricampeão. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 mar. 2020. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/03/demitido-ha-50-anos-saldanha-deixou-marca-no-brasil-tricampeao.shtml>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GUTERMAN, M. MÉDICI E O FUTEBOL: A UTILIZAÇÃO DO ESPORTE MAIS POPULAR DO BRASIL PELO GOVERNO MAIS BRUTAL DO REGIME MILITAR. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 29, n. 01, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Há dez anos, Brasil era anunciado sede da Copa de 2014; veja alguns personagens daquele dia. ESPN, São Paulo, 30 out. 2017. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/739170_ha-dez-anos-brasil-era-anunciado-sede-da-copa-de-2014-veja-alguns-personagens-daquela-dia>. Acesso em: 2 jan. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Londres: Dp & A, 1999. 102 p.

Há 20 anos, Ronaldo sofria a lesão que quase encerrou sua carreira. **Lance!**, Rio de Janeiro, 30 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/futebol-internacional/anos-ronaldo-sofria-lesao-que-quase-encerru-sua-carreira.html>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do; SILVA, Carmelo D.. Pra Frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. **Esporte e Sociedade**. Niterói, n. 13, 2009-2010.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Eco-Pós**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, XII, 2003, Recife. Compós, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **Congresso**, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003.

HENNE, Peter S.; OZTURK, Ahmet Erdi. **The practice of soft power**. Religions, v. 13, n. 9, p. 805, 2022.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 184 p.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 272 p.

HOULIHAN, Barrie. **Sport and International Politics**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf. 1994.

International scrutiny and rift with Arab allies. **Encyclopedia Britannica**, Londres, [s.d.]. Disponível em:
<<https://www.britannica.com/place/Qatar/International-scrutiny-and-rift-with-Arab-allies>>. Acesso em: 4 dez. 2023.

JORNAL ESTADÃO. Penta: relembre a conquista do Brasil em 2002. In: **ACERVO ESTADÃO - O ESTADO DE S.PAULO**. São Paulo, 30 jun. 2022. Disponível em:
<http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,penta-relembre-a-conquista-do-brasil-em-2002,70004104179,0.htm>. Acesso em: 15 jun. 2023.

KADIRI, Ghalia. Liberia : « George Weah a joué de son statut de fils du peuple ». Le Monde, Monróvia, 29 dez. 2017. Disponível em:
<https://www.lemonde.fr/afrique/article/2017/12/29/george-weah-joue-de-son-statut-de-fils-du-peuple-c-est-peut-etre-cela-son-principal-programme_5235755_3212.html>. Acesso em: 25 nov. 2023.

KADIRI, Ghalia. George Weah, l'enfant du ghetto devenu président du Liberia. Le Monde, Monróvia, 29 dez. 2017. Disponível em:
<https://www.lemonde.fr/afrique/article/2017/12/29/george-weah-l-enfant-du-ghetto-devenu-president_5235874_3212.html>. Acesso em: 25 nov. 2023.

KIM, Youna. **The Korean wave: Korean media go global**. Nova York: Routledge, 2013.

LANCE!. Estudo aponta sucesso financeiro do PSG após chegada de Neymar Jr. **Terra**, São Paulo, 22 jan. 2020. Disponível em:
<<https://www.terra.com.br/esportes/lance/estudo-aponta-sucesso-financeiro-do-psg-apos-chegada-de-neymar-jr,10a996d39880e5955cd7f16557fe564eja5esx15.html>>. Acesso em: 7 dez. 2023.

L'ÉQUIPE. Les lauréats du Ballon d'or. **France Football**, Paris, 2024. Disponível em:
<<https://www.francefootball.fr/ballon-d-or/palmares/>>. Acesso em: 21/12/2023.

LILAND, Frode. **Culture and foreign policy: An introduction to approaches and theory**. IFS Info. 1993.

LIMA, Teotónio. **Fora o árbitro!** Portugal: Caminho Editorial, 1982.

MAISONNAVE, Fabiano. Premiê haitiano pede Ronaldo contra crise. Folha de S. Paulo. 31. maio 2004. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u73203.shtml>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MARADONA, Diego Armando. **Yo soy el Diego (-de La Gente)**. Barcelona: Editorial Planeta, 2000.

MARQUES, Matheus Andrade; MACEDO, Jhony Frota. A COPA DO MUNDO FIFA (2022) COMO ESTRATÉGIA DE CONSOLIDAÇÃO DE UMA IMAGEM: O CONTRADITÓRIO CASO DO CATAR. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 451-471, nov. 2023.

MARTINO, Rodolfo Stipp. Realizada em ano eleitoral, Copa do Mundo tem histórico de uso político. Rio de Janeiro: **CNN Brasil**, 20 mar. 2022. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/realizada-em-ano-eleitoral-copa-do-mundo-tem-historico-de-uso-politico/>>. Acesso em: 23 dez. 2023.

MCCLORY, Jonathan. The Soft Power 30: A Global Ranking of Soft Power. **Monocle**, Londres, c2019. Disponível em: <<https://softpower30.com/wp-content/uploads/2019/10/The-Soft-Power-30-Report-2019-1.pdf>>. Acesso em: 02 ago 2023.

MEIO & MENSAGEM. **Nike e CBF, vinte anos de polêmicas**. São Paulo, 01 jun 2015 Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/marketing/nike-e-cbf-vinte-anos-de-pol-micas>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MELO NETO, Francisco Paulo de. UMA ANÁLISE DOS PROTESTOS DE RUA NA COPA DE 2014: o legado político que não aconteceu. **Arquivos em Movimento**: Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 91-95, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9253>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MENEZES, R. G. ; BANZATTO, A. P. A. ; LIMA, L. . El fútbol más allá de las cuatro líneas: política internacional y el soft power brasileño. In: Willy Soto Acosta (Editor). (Org.). **Política global y fútbol**: El deporte como preocupación de las ciencias sociales. 1ed.Costa Rica: CLACSO/IDESPO/UNA, 2018, v. 1, p. 73-96.

MOURA, Gerson. **O Alinhamento Sem Recompensa: a política externa do governo Dutra**. São Paulo: Edusp, 2021. 152 p.

Muito além do 7×1: o legado maldito da Copa de 2014 para o Brasil. **Carta Capital**, São Paulo, 17 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/muito-alem-do-7-1-o-legado-maldito-da-copa-de-2014-para-o-brasil/>>. Acesso em: 4 jan. 2024.

NASCIMENTO REIS, . ELOS ENTRE BRASIL E HAITI POR MEIO DO FUTEBOL:: UMA ANÁLISE DO FILME “O DIA EM QUE O BRASIL ESTEVE AQUI”. **Revista Espirales**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2023. DOI: 10.29327/2282886.7.1-8. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/4201>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Ninguém queria ir para Brasília após o penta, diz Teixeira sobre visita a FHC. **CNN Brasil**, São Paulo, 14 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/ninguem-queria-ir-para-brasilia-apos-o-penta-diz-teixeira-sobre-visita-a-fhc/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

NYE, Joseph S. **Soft power: The means to success in world politics**. Public affairs, 2004.

O POVO. Fortaleza, 17 jul. 1950.

PERRIN, Fernanda. Derrota por 7x1 na Copa influenciou nas eleições, dizem pesquisadores. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/03/1868028-derrota-por-7x1-na-copa-influencia-no-impeachment-dizem-pesquisadores.shtml>>. Acesso em: 05 jan. 2024.

PIERREND, José Luis. FIFA Awards: World Player of the Year - Winners. **RSSSF**, Inglaterra, 2016. Disponível em: <<https://www.rsssf.org/miscellaneous/fifa-awards.html>>. Acesso em: 15/12/2023.

PIRES, Breiller. João Saldanha, o técnico que atormentou a ditadura. **El País**, São Paulo, 3 jul. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110_086687.html>. Acesso em: 24 dez. 2023.

REDAÇÃO GOAL. Lei Bosman: o que foi a decisão que mudou para sempre o futebol?. São Paulo: **Goal**, 24 dez. 2023. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/lei-bosman-o-que-foi-a-decisao-que-mudou-para-sempre-o-futebol/67tgkzyyp63z107uamhmy3ed>. Acesso em: 12 jan. 2024.

REIS, Rodrigo Nascimento. **O futebol brasileiro como soft power: um estudo de narrativas jornalísticas e cinematográficas**. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. 223p.
RODRIGUES, Fernando. Na Polônia, FHC pede Romário na seleção. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2502200225.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2023.

RODRIGUES, Nelson. **O Remador De Ben-Hur**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 295 p.

SÁ, A. B. da S.; SÁ, R. B. da S. A "Copa das Copas": Uso Político-Ideológico do Futebol em Propaganda Governamental. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 540–560, 2020. DOI: 10.35699/1981-3171.2020.19792. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/19792>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SALGADO, Diego; FARRUGIA, Beatriz et. al. **1950 – O PREÇO DE UMA COPA**. Rio de Janeiro: Letras do Brasil, 2018. 180 p.

SILVA, Kelen Katia Prates; CARVALHO, Carlos Eduardo Souza de. Políticos, intelectuais e futebol: A construção da identidade nacional durante a Era Vargas. **Revista Outras Fronteiras**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 246–254, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/172>. Acesso em: 19 set. 2023.

SILVA, Renata Freitas da. **A política externa brasileira em perspectiva**. Monografia (Especialista em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais - Universidade de Brasília; Brasília, 2010. 58p.

Soccer Team Valuations: #7 Paris Saint-Germain. **Forbes**, Nova York, 2024. Disponível em: <<https://www.forbes.com/teams/paris-saint-germain/?sh=574160ea51f4>>. Acesso em: 9 dez. 2023.

Teixeira diz que estádios da Copa receberão dinheiro público. **Terra**, São Paulo, 5 ago. 2009. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2014/teixeira-diz-que-estadios-da-copa-receberao-dinheiro-publico_362858cdd459a310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>. Acesso em: 2 jan. 2024.

TEIXEIRA, Ib. O Plano Salte. **Conjuntura**: 48 anos, São Paulo, v. 50, n. 5, p. 60-61, 1996.

THIESSE, Anne-Marie. La création des identités nationales. **Europe XVIIIe - XXe siècle**. Paris: Editions du Seuil, 1999.

TOKARNIA, Mariana. **Médici posa para foto ao lado do elenco campeão da Copa do Mundo de 1970**. Brasília: Agência Brasil, 14 abr. 2014. 1 Fotografia. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/node/911068>. Acesso em: 28 dez. 2023.

TYLOR, E. B. Cultura primitiva: investigaciones sobre el desarrollo de la mitología, la filosofía, la religión, el arte y las costumbres (Vol. 2). **J. Murray**, 1871.

VENTURA, Luca. Top 100 Richest Countries In The World. Global Finance, Nova York, 2023. Disponível em: <<https://gfmag.com/data/worlds-richest-and-poorest-countries/>>. Acesso em: 4 dez. 2023.

VERENHITACH, Gabriela Daou. **A MINUSTAH e a política externa brasileira: motivações e consequências**. Tese (Mestrado em Integração Latino-Americana) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008.

VIGEVANI, T.; OLIVEIRA, M. F. de; CINTRA, R. Política externa no período FHC: a busca de autonomia pela integração. **Tempo Social**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 31-61, 2003. DOI: 10.1590/S0103-20702003000200003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12404>. Acesso em: 19 fev. 2024.

VILELA, André; GIAMBIAGI, Fábio. **Economia Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000. 432 p.

WERKER, Eric; BEGANOVIC, Jasmina. Liberia: A Case Study. **International Growth Center**: Growth in Fragile States, Oxford, v. 1, n. 1, p. 1-23, jul. 2011.

World Cup 2022: what is the OneLove armband and why did FIFA ban it?. **Reuters**, Bangalore, 29 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/lifestyle/sports/world-cup-2022-what-is-onelove-armband-why-did-fifa-ban-it-2022-11-24/>>. Acesso em: 1 dez. 2023.